

O Levante Comunista de 1935 e as representações sobre Luiz Gonzaga de Souza

Por José Borges da Conceição Filho

Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Trabalho realizado sob a orientação do Prof. Dr. Homero de Oliveira Costa

Palavras Chave: Comunismo; Levante de 1935; Luiz Gonzaga de Souza.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da construção das representações sobre a figura de Luiz Gonzaga de Souza, que foram formuladas a partir de sua participação no Levante Comunista de 1935, também conhecido como “Intentona Comunista” e “Movimento Comunista”, ocorrido em novembro de 1935, em Natal, Rio Grande do Norte. O recorte temporal, que se estende desde 1935, com os primeiros relatos sobre um soldado morto em combate, até 1985, com a desconstrução da sua posição como integrante da força pública de segurança, feita por participantes da revolta, apresenta importantes nuances que vão traduzir estratégias de ação de diferentes posições políticas e ideológicas. Dessa forma, pretendemos analisar as distintas representações, construídas a partir de um embate ideológico entre os discursos comunistas e anticomunistas sobre o evento, assim como estas influenciam os diversos espaços imaginários, a partir de vieses e tendências excludentes.

No Brasil, as décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por conflitos políticos e ideológicos, nos quais o exército sempre teve um papel importante, senão, determinante. A ascensão de uma classe média urbana entre suas fileiras, educada sob a influência de diversas doutrinas, entre elas o comunismo, o anarquismo, o integralismo e o socialismo, fez surgir no âmago das forças militares um ideal de justiça social que, somado à sua insatisfação de não se acharem satisfatoriamente representados politicamente, acaba por criar um clima propício para revoltas, como se pode perceber através dos levantes tenentistas de 1922 e 1924 e da Revolução Constitucionalista de 1932, dentre outros eventos.

A crescente participação política do exército no âmbito nacional acaba gerando uma quebra do espírito de corpo militar, fazendo com que vários militares busquem uma identidade condizente com sua realidade, na forma de diversas ideologias atuantes no Brasil de então, dentre as mais representativas, o comunismo, com base no modelo da União Soviética, e o integralismo, de cunho fascista. Essa quebra do espírito de corpo do exército é então apontada como um importante propulsor das forças armadas às revoltas ocorridas em todo o território nacional.

Durante as décadas de 1920 e 1930, foram conduzidos levantes de norte a sul do país, a maioria deles por elementos militares descontentes com as posições do governo central. Nesse período, é importante destacar entre as fileiras do exército a influência do tenentismo e, em especial, a do capitão Luiz Carlos Prestes, que já havia obtido notória visibilidade por seus feitos na chamada coluna Miguel Costa-Prestes, entre 1926 e 1927¹. Após seu exílio na Bolívia, Prestes adere ao comunismo, sob a tutela de Rodolfo Ghioldi, Abraham Guralski² e Vitório Cordovilla, e muda-se para Moscou em meados de 1931. Lá, recebe uma melhor formação marxista e, em 1934, com sua volta ao Brasil clandestinamente, o Komintern impõe sua entrada no PCB. Com sua influência nos meios militares e recebendo ajuda de Moscou, Prestes vai ser o homem capaz de fornecer a logística, o planejamento e os contatos necessários para o Partido Comunista do Brasil tentar uma revolta de proporções nacionais. Segundo as forças conservadoras, o diferencial dos levantes ocorridos em 1935 frente aos outros é exatamente a penetração de uma ideologia exógena que, aos olhos do governo central, instruiu os seus envolvidos a agir como satélite de uma potência estrangeira. Já para os comunistas, tratava-se de uma luta de libertação nacional, uma vez que, para eles, o Brasil era visto como um satélite de potências estrangeiras.

Os levantes comunistas foram deflagrados em diferentes locais do país: em Recife, Natal e Rio de Janeiro, alimentados pela forte mística em torno da figura do “cavaleiro da esperança”, Luiz Carlos Prestes.

O Levante Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte foi um evento que o inscreveu, como nenhum outro evento anterior, no quadro político do Brasil. A “Intentona Comunista”, termo pejorativo usado pelos estratos conservadores da sociedade para caracterizar a natureza desorganizada e desestruturada da deflagração do movimento, ocorreu no dia 23 de novembro de 1935 na capital, Natal, mais precisamente, nas dependências do 21º Batalhão de Caçadores, espalhou-se pela cidade até o interior do estado. O levante foi um curioso evento da história brasileira: Natal foi o palco do primeiro e único governo comunista do Brasil.

Ainda hoje, o evento é cercado de dúvidas, e tornou-se um campo aberto para o debate de historiadores e estudiosos. Desde os menores fatos, como o destino do asilo do Governador Rafael Fernandes, ou o montante e o destino do dinheiro roubado dos cofres do Banco do Brasil e dos comerciantes da cidade, até os de maior destaque, como a resistência do interior

¹ A coluna Miguel Costa-Prestes é também chamada apenas de Coluna Miguel Costa por alguns autores, como Frank McCaan, por ter sido ele o seu comandante. Mas pelo seu destaque nos feitos da coluna, além de sua ascensão no cenário político do Brasil nos anos seguintes, alguns autores como Neil Macaulay a denominam “Coluna Prestes”.

² Abraham Guralski era um dos codinomes de Boris Heifest, um agente do Komintern da América Latina.

do estado, as diretrizes do Komintern, ou os mortos durante a rebelião, apresentam uma miríade de versões disponíveis. Dentre esses fatos, o que causa mais polêmica, principalmente no âmbito local, é a morte do “Soldado” Luiz Gonzaga de Souza, cidadão natural de Sant’Anna de Mattos.

O Soldado Luiz Gonzaga é atualmente uma das representações mais importantes da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, sendo a *Medalha do Mérito Policial Luiz Gonzaga* a mais alta condecoração da casa militar do Rio Grande do Norte. O traslado dos despojos do soldado, do Cemitério do Alecrim até um mausoléu construído na sede da Polícia Militar do RN em Natal, também apresentou ampla comoção por parte da polícia militar. A história do soldado que, dentro do quartel de polícia militar, foi abatido a tiros durante a resistência aos comunistas rebelados, tornou-se a representação maior do espírito combativo e legalista do Rio Grande do Norte face à ameaça comunista.

A construção do heroísmo do Soldado Luiz Gonzaga, já consolidada, como podemos perceber, pela inserção de seu nome no monumento em homenagem às vítimas legalistas tanto em Natal, no cemitério do Alecrim, quanto no Rio de Janeiro, no monumento erigido em homenagem às vítimas do levante de 1935, começa a sofrer ataques na década de 1970, período em que o regime militar atingia seu momento mais repressivo. Em 1971, surge a obra de João Maria Furtado, “Vertentes”, que procura desconstruir sua imagem de mártir. Através de depoimentos de participantes ativos no levante de 1935, o autor apresenta Luiz Gonzaga como um “pobre demente”, que nunca tinha pertencido às forças legalistas.

Em 1980, em resposta ao seu livro, é publicado “82 Horas de Subversão”, de João Medeiros Filho, que busca reafirmar a posição de mártir de Luiz Gonzaga de Souza.³

Por fim, em 1985, após o fim do regime militar, o jornalista Luiz Gonzaga Cortez publica o livro “A Revolta de 1935 em Natal”, na qual ele procura reafirmar e legitimar, através de depoimentos orais com participantes do levante, a versão de João Maria Furtado.

Constitui-se o problema a partir da noção de que cada autor apresenta particularidades e interesses próprios para a construção de uma representação que se alinhe com seus objetivos e justifique sua posição. Como bem aponta Paul Ricoeur sobre a apropriação dos discursos por instituições:

“Ela também se distancia do sentido que a hermenêutica dá à apropriação, pensada como o momento em que a aplicação de uma configuração narrativa particular à

³ MEDEIROS FILHO, João. 82 Horas de Subversão: Intentona Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, 1980.

situação do leitor refigura sua compreensão de si e do mundo, portanto sua experiência fenomenológica.”⁴

Dessa forma, nosso trabalho pretende estudar tanto os discursos anticomunistas, quanto os discursos comunistas, que colaboraram para a construção das representações distintas sobre Luiz Gonzaga de Souza presentes no imaginário popular.

No que se refere aos fundamentos teórico-metodológicos usados para realizarmos esse trabalho, faremos uma discussão bibliográfica tratando sobre as diferentes versões que abordam o evento, procurando demonstrar os diferentes vieses políticos e ideológicos que influenciaram as distintas construções sobre a figura de Luiz Gonzaga de Souza.

Para isso, procuramos incorporar a noção da representação, abordada por Roger Chartier em sua obra “À Beira da Falésia”, assim como a apresentada por Carlo Ginzburg em “Olhos de Madeira”.

Chartier discorre claramente sobre a questão da representação cultural no tocante às necessidades de manutenção de uma integridade, ou de um *ethos*, por parte de determinados grupos que compõem a sociedade:

“Esse retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à noção de “representação coletiva” autoriza a articular, sem dúvida melhor do que o conceito de mentalidade, três modalidades da relação com o mundo social: primeiro, o trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe.”⁵

O traslado dos restos mortais de Luiz Gonzaga de Souza, do Cemitério do Alecrim, onde estavam enterrados, até um mausoléu na sede da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, construído especificamente para recebê-los, é uma importante representação simbólica: o cortejo, que teve toda a pompa e circunstância da passagem de um estadista, é uma forte demonstração de sua importância para os quadros da Polícia Militar do Rio Grande do Norte.

Podemos observar, então, que o transporte dos seus restos mortais, assim como a construção de um mausoléu na sede da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, tiveram o objetivo de invocar sua presença, ao mesmo tempo em que, por seu martírio durante um

⁴ RICOEUR, Paul. In: CHARTIER, Roger, 2002.

⁵ CHARTIER, Roger. À Beira da Falésia. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 73.

evento que colocava em risco a existência de seu grupo, ascende a uma posição quase sacra, tornando-se a própria representação das virtudes de seu grupo.

Dessa forma, analisaremos as construções sobre Luiz Gonzaga de Souza, tanto a de João Medeiros Filho, quanto a de João Maria Furtado, e suas posteriores ramificações, como representações de determinados grupos da sociedade que buscam marcar sua própria existência e legitimar suas posições em relação à sua participação no levante comunista de 1935 em Natal, utilizando-se dessas representações múltiplas e excludentes como uma justificação das posições ideológicas e das ações realizadas durante o levante.

CAPÍTULO 1: AS IDEOLOGIAS POLÍTICAS NOS ANOS 30

O advento da República trouxera à cena novas forças políticas que haviam sido impedidas pelas velhas oligarquias rurais do Império de terem seu espaço político definido, onde pudessem obter maior participação no poder. Essas forças eram constituídas por diversos grupos que então se faziam presentes no cenário político: a classe média, a burguesia urbana, o proletariado urbano e os militares.

Durante a Velha República, estabeleceu-se uma aliança tácita entre o Estado e a Igreja, na medida em que esta instituição buscava eliminar qualquer forma de contestação ao seu monopólio religioso, em especial, os perigosos movimentos laicos.

A perda do controle da ordem social levou o Exército a ser utilizado na supressão violenta dos movimentos revoltosos que se atreveram a contestar o *status quo*. Todos os movimentos destacados tinham como ponto em comum a insatisfação das camadas mais pobres da população que, acuadas por uma realidade que não lhe dava as mínimas condições de sobrevivência, tinham, como último recurso, a resistência por meio das armas. Com a chegada dos imigrantes europeus, principalmente os italianos, uma nova camada popular veio somar-se às então existentes, abrindo uma nova frente de oposição.

A tomada de consciência de classe, por parte das camadas populares no Brasil da Velha República, foi um processo lento e, muitas vezes, violento. As revoltas populares como a Guerra de Canudos em 1897, a Revolta da Vacina em 1904 e a Guerra do Contestado em 1915, são alguns exemplos da sublevação das camadas oprimidas que foram subjugadas e submetidas à ordem social vigente. Ordem esta herdada dos idos coloniais, resultante de uma matriz autocrática e exclusivista, que ainda se fazia presente na figura dos “Coronéis”.

[...] O coronelismo representou uma variante de uma relação sociopolítica mais geral – o clientelismo –, existente tanto no campo como nas cidades. Esta relação resultava da desigualdade social, da impossibilidade de os cidadãos efetivarem seus direitos, da precariedade ou inexistência de serviços assistenciais do Estado, da inexistência de uma carreira no serviço público.

Todas essas características vinham dos tempos da Colônia, mas a República criou condições para que os chefes políticos locais concentrassem maior soma de poder. Isso resultou, principalmente, da ampliação da parte dos impostos atribuída aos municípios e da eleição dos prefeitos.⁶

⁶ FAUSTO, Boris. História da Civilização Brasileira, vol. 10, pg. 263.

Percebe-se nessa situação que a desigualdade social era a maior geradora de descontentamentos e ressentimentos das camadas populares, excluídas e subjugadas pela vontade absoluta de um coronel que exercia de forma irrestrita seu poder sob aqueles em seus domínios.

Alguns historiadores, como, por exemplo, Caio Prado Júnior⁷, costumam apontar este tipo de sistema como um modelo semi-feudal e, como tal, arcaico e fora de sintonia com o mundo moderno, em que a idéia de justiça social estava cada vez mais presente.

De acordo com Carone⁸, a ascensão de uma classe média urbana, educada sob a influência de várias doutrinas sociais, tais como o socialismo, o comunismo, o anarquismo e o anarco-sindicalismo, entre outros, possibilitou a difusão dos ideais de justiça social entre a população. O acesso cada vez maior desta classe aos postos de oficiais militares do Exército possibilitou nesta instituição militar a repercussão e a infusão destas idéias. Isto pode ser nitidamente percebido nas revoltas militares ocorridas já no último decênio do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Em comum, jovens oficiais revoltosos colocavam-se contra o ultrapassado sistema de oligarquias rurais e defendiam um novo modelo de desenvolvimento baseado na industrialização.

O operariado urbano, reduzido ou inexpressivo no início da Velha República, com o passar dos anos foi cada vez mais se politizando, particularmente sob a influência dos ideais anarco-sindicalistas, trazidos pelos imigrantes italianos.

Este processo resultou na formação dos primeiros sindicatos de trabalhadores, organizados como forma de resistência às relações de trabalho existentes na Velha República.

Como reação aos primeiros movimentos grevistas, as oligarquias políticas reagiram utilizando-se da força e da violência para reprimir quaisquer reivindicações contrárias aos seus interesses.

A estrutura política tutelada e conduzida por poucos membros, pertencentes a uma oligarquia fundiária, não admitia qualquer solução consensual e pacífica. Como a cada ação corresponde uma reação de força igual, mas em sentido contrário, a força com que se combatia os movimentos das distintas categorias que surgiam foi igualada em violência e brutalidade. A falta de um espaço para buscar um convívio consensual deu início a uma espiral de confrontos que foi-se ampliando no decorrer da Velha República.

⁷ PRADO JÚNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1945.

⁸ CARONE, Edgard. Revoluções no Brasil contemporâneo (1922 - 1938). Ed. Ática: São Paulo, 1989

A principal doutrina que surgiu no horizonte dos movimentos populares originou a implantação e fundação do Partido Comunista Brasileiro, em 1922. Seguindo o modelo de inspiração soviética, o movimento comunista propunha a tomada do poder por meio revolucionário, buscando na destruição das elites dominantes a única forma de prevalecer a vontade do proletariado.

Como contraponto à expansão das ideologias de cunho socialista, começaram a surgir, em particular no período Vargas, novas ideologias de caráter contra-revolucionário, com destaque especial para as de orientação fascista, unificadas na forma da Ação Integralista Brasileira.

O comunismo e o integralismo no Brasil representavam os dois extremos da radicalização política, face ao declínio da democracia liberal, que ocorria nos anos 30, consequência da forte crise econômica. São estas as ideologias que vão polarizar o debate político durante a era Vargas e, em especial, durante o período que vai de 1930 a 1937, quando é instaurada a ditadura do Estado Novo.

1.1 O COMUNISMO

Na Alemanha do século XIX circulavam as idéias dos racionalistas, defensores da soberania da razão absoluta como forma de elevar o homem a um novo patamar de civilização. Tais idéias estavam arraigadas nos meios acadêmicos universitários e tinham no filósofo alemão Hegel um fiel defensor.

Segundo Châtelet, Duhamel e Pisiér-Kouchner⁹, Hegel influenciou dois importantes pensadores que posteriormente desenvolverão a ideologia comunista: Karl Marx e Friedrich Engels. Estes dois filósofos publicaram diversas obras onde fundamentaram suas concepções sobre o comunismo, marcadas pela crítica ao estado burguês. Como afirmam os autores:

Instituindo o Estado-funcionário como instância suprema de decisão e como Razão em ato; compreendendo a sociedade civil como domínio da luta pelo lucro e apresentando a propriedade e o trabalho como dados inelutáveis do processo histórico; prometendo para o futuro a satisfação universal como resultado da “mundialização” do Estado assim concebido, Hegel fez mais do que hipostasiar uma situação de fato: a situação de sociedades onde a minoria da população, a burguesia

⁹ CHÂTELET; DUHAMEL; PISIER-KOUCHNER. História das Idéias Políticas.

industrial e mercantil e os proprietários fundiários, assenhoreou-se do poder do Estado para manter sua exploração econômica e sua dominação política ¹⁰

Karl Marx, juntamente com Engels, extraiu, a partir do pensamento hegeliano, a idéia básica do conflito entre proletários e burguesia. Em 1846, em contato com os movimentos revolucionários franceses, demonstraram-se profundamente decepcionados com as formações operárias nascentes, e fundaram em Bruxelas um organismo chamado Centros de Correspondência Comunista, destinados a manter contato com diversos grupos europeus que buscavam a emancipação do proletariado e divulgar notícias sobre as lutas operárias em outros países.

Movidos pelo fracasso do sindicalismo inglês, esses Centros evoluíram para formar uma liga comunista, o que levou Marx e Engels a publicar um manifesto em 1848 intitulado “Manifesto do Partido Comunista”. Neste, encontram-se o tema da luta de classes, sobre o qual afirmam que “a história de toda sociedade até nossos dias foi a história da luta de classes”, e da missão do proletariado, que é de fazer a revolução. Segundo os autores:

“A luta de classes é o motor da história, o princípio ontológico explicativo do devir das sociedades; análise do presente europeu e o exame do passado de outros tipos de sociedade permitem afirmar que a luta que opõe opressores e oprimidos é o conceito-chave graças ao qual pode-se tornar inteligíveis este presente e este passado, e que, por conseguinte, é legítimo abordar o estudo da sociedade e de toda a configuração de eventos a partir deste ponto de vista, a fim de saber *se e como* a luta de classes opera no mesmo.” ¹¹

Analisando as concepções de Marx e Engels, Chatelet, Duhamel e Pisier-Kouchner afirmam que para os autores:

“Ela considera toda a sociedade como formada por uma base (ou infra-estrutura) econômica, cujo elemento motor é a dinâmica das forças produtivas, que determinam as relações sociais estabelecidas entre os homens, “relações determinadas, necessárias, independentes da vontade desses homens”. (Contribuição à crítica da economia política de 1859); e este conjunto define o módulo de produção. Em cada época, um modo de produção é dominante. Sobre esta base, “eleva-se” um edifício jurídico e político, ao qual correspondem formas determinadas da consciência social. O modo de produção domina em geral o desenvolvimento da vida social, política e intelectual. “Não é a consciência dos homens que determina sua existência, mas ao contrário, é sua existência que determina sua consciência”. A crise enunciadora de uma revolução aparece quando as relações sociais (e as formas jurídicas e políticas que a sustentam) revelam-se um entrave ao florescimento das forças produtivas.” ¹²

¹⁰ Ibidem p. 125

¹¹ Ibidem. P. 128-129°.

¹² Ibidem. P. 130.

Para Karl Marx:

“antes que relações superiores de produção se manifestem, antes que as condições materiais de sua existência se tenham desenvolvimento no próprio seio da sociedade. Por isso a humanidade sempre se propõe apenas problemas que pode resolver”¹³

Como destaca o Manifesto, no capitalismo há uma luta de classe entre burgueses e proletários. Uma exploração econômica transforma uma classe, a burguesia, em dominante, que explora outra classe, o proletariado, obtendo ganhos a partir de lucros excessivos sobre o trabalho alheio.

As idéias de Marx e Engels vão constituir a base da ideologia comunista a ser utilizada por movimentos revolucionários. Para ambos, era fundamental que os trabalhadores se organizassem; para tanto, fundam em Londres, em 1864, um congresso denominado I Internacional.

“Durante algum tempo ela insuflou vida numa organização de trabalhadores continentais e britânicos que havia sido fundada em Londres em 1864: a Associação Internacional dos Trabalhadores, geralmente denominada a Internacional. A entidade fora formada com o propósito expresso de forjar uma aliança internacional da classe trabalhadora, a fim de derrubar o capitalismo e abolir a propriedade privada”¹⁴

Marx vai defender o internacionalismo:

“*Grosso modo*, poder-se-ia dizer que Marx ignora a questão nacional. A nação não é o seu problema; o motor da história não é a guerra dos povos, mas a luta de classes. A nação é apenas a forma ideológica do Estado capitalista e imperialista; o internacionalismo é o programa de combate contra esse Estado. O nacionalismo decorre apenas da ideologia burguesa; é “necessário” à burguesia, mas “superável” pelo proletariado.”¹⁵

A Internacional é extinta em 1876. Karl Marx, apesar de ter uma grande capacidade organizacional, tinha em seu autoritarismo um grande obstáculo que impedia uma maior união dos diversos movimentos participantes da Internacional. Esta, no entanto, vai ter grande influência sobre os movimentos socialistas:

“Embora a Internacional houvesse acabado, o socialismo continuou a ganhar terreno, como teoria e como programa. O Partido Social-Democrata Alemão foi fundado em 1875; em 1879 fundou-se um Partido Socialista belga; e na França, a despeito dos percalços da Comuna, criou-se um Partido Socialista em 1905. Na Inglaterra, embora o socialismo fosse objeto de muitos debates, não surgiu um partido socialista. Entretanto, ao aparecer o Partido Trabalhista, em 1901, vários

¹³ Ibidem, P. 133.

¹⁴ BURNS; LERNER; MEACHAM. História da Civilização Ocidental, pg. 625.

¹⁵ CHÂTELET; DUHAMEL; PISIER-KOUCHNER. História das Idéias Políticas. op. cit., p. 125

grupamentos socialistas se faziam representar em seu conselho executivo, ao lado de grupos sindicalistas, menos radicais e não socialistas. Na periferia da Europa – na Espanha, na Itália e na Rússia – o socialismo avançava menos. Nesses países, a ausência de uma ampla industrialização e o atraso educacional de grandes segmentos da população retardaram o surgimento de uma consciência proletária, bem como o desenvolvimento do socialismo como sua expressão política”¹⁶

As idéias de Marx e Engels, difundidas na Primeira Internacional, influenciaram os movimentos sindicais de toda a Europa, através de seu espírito revolucionário e combativo às classes dominantes burguesas.

Estas são as idéias que mais tarde influenciaram aquele que se tornou o maior líder revolucionário na Rússia, Vladimir Lênin, e o seu pensamento.

Lênin, durante os eventos revolucionários russos de 1905, liderou uma facção política chamada Bolchevique, que aspirava a um partido fortemente centralizado e controlado por um comitê chamado *Soviete*, que deveria ser aceito incondicionalmente por todos os níveis da organização partidária. O movimento defendia uma via revolucionária, que buscava no proletariado urbano e tinha nos camponeses sua base de apoio. Inicialmente derrotado, este movimento entrou na clandestinidade e ressurgiu mais adiante nos acontecimentos que conduziram à Guerra Civil Russa, em 1917.

Este episódio, ocorrido entre 1917 e 1922, marcou a conquista do poder pelos bolcheviques e consolidou Lênin como líder incontestado da nação russa, que modificou sua denominação para União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Com a vitória da Revolução, foi criada outra Internacional, em 1919. Visando estimular a revolução comunista internacional, foi criado o *Komintern*, órgão dirigente, que tinha como política opor-se à cooperação ou colaboração com os governos capitalistas do ocidente e trabalhar por meio de apoio aos diversos partidos comunistas dos estados nacionais, ou seja, a derrubada do capitalismo.

Este movimento internacional foi o que levou em 1922, a fundação, no Brasil, de seu partido comunista, o Partido Comunista do Brasil (PC do B), que foi finalmente aceito em 1924 pela Internacional Comunista, subordinando-se diretamente ao Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e ao *Komintern*.

O comunismo da linha do *Komintern* propunha a ação revolucionária como meio de derrubada do poder burguês. Segundo Burns, Lerner e Meachem (2005), seu programa admitia várias estratégias para atingir suas metas, entre as quais se destacam: a criação de um partido único que absorvesse todas as instâncias inferiores agregadas geralmente em torno dos

¹⁶ BURNS; LERNER; MEACHAM. História da Civilização Ocidental, op. cit. pg. 627.

Soviets; a extinção da democracia liberal e a criação de uma ditadura do proletariado; a criação de um exército popular expurgado dos elementos burgueses e constituído somente de proletários e camponeses; a eliminação de toda a classe burguesa; a coletivização dos meios de produção e, por último, a extinção e expropriação dos bens de todas as religiões, já que para Marx, “a religião era o ópio do povo”.

1.2 O COMUNISMO NA ERA VARGAS

Nos movimentos militares ocorridos na década de 20, que se tornaram conhecidos como “revoltas tenentistas”, um militar em especial se destacou pela sua audácia e liderança: o então capitão do Exército, Luís Carlos Prestes. Ele, após a derrota do Levante de 1922 prosseguiu a sua luta tentando, através de contatos militares, sublevar o estado de São Paulo, em 1924. Este levante, após ter tido êxito em tomar a cidade, foi eventualmente derrotado, tendo uma coluna do Cap. Prestes marchado do Rio Grande do Sul e se unido a um grupo de rebeldes liderados pelo Major da Força Pública Paulista, Miguel Costa. Os remanescentes destes dois grupos foram implacavelmente perseguidos pelas forças governamentais, sendo mais tarde denominados Coluna Miguel Costa-Prestes.

De 1926 a 1927, esta Coluna percorreu mais de dez mil quilômetros do território brasileiro, de Norte a Sul e dando imensa fama a Prestes, que veio a ser conhecido no imaginário popular como “Cavaleiro da Esperança”.

Em 1927, os últimos membros do grupo atravessaram a fronteira com a Bolívia e encerraram suas atividades subversivas.

Prestes passou a residir na cidade argentina de Buenos Aires, onde começou a travar conhecimento com a doutrina comunista. Tutorado por representantes do *Komintern*, em especial pelo secretário geral do Partido Comunista Argentino, Rodolfo Ghioldi, acabou sendo cooptado, mudou-se para Moscou, onde foi ensinado sobre o comunismo, e finalmente filiado ao PCB em 1934. Assediado por Vargas no início de 1930 para participar do

movimento revolucionário, acabou recebendo “vultuosa(sic.) quantia em dinheiro, mas recusou participar de tal evento, por considerá-lo atrelado aos interesses da burguesia”.¹⁷

O Partido Comunista Brasileiro ajudou a fundar em 1935 a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e, usando sua estrutura e organização, conseguiu agrupar grande número de eleitores da classe média, simpatizantes de Luís Carlos Prestes, ainda fascinados pelos feitos do comandante da Coluna Prestes.

A ANL foi uma organização que atraiu todos os movimentos de orientação esquerdista. Abrigava, assim, desde sindicatos e a classe média progressista, até movimentos revolucionários, como o PCB. Luís Carlos Prestes, presidente de honra da ANL, havia sido importante colaborador do movimento tenentista e, dessa forma, alguns dos participantes da coluna também aderiram.

Segundo Skidmore¹⁸, a ANL havia se expandido para uma força substancial, tendo, em maio de 1935, mais de mil e seiscentas sedes locais. Os conflitos dos simpatizantes comunistas foram aumentando no transcorrer de 35, em especial, com membros do integralismo, cujas milícias enfrentavam com choques violentos os militares de esquerda.

Em 30 de março de 1935, o Congresso Nacional aprovou uma importante legislação, escrita no intuito de conter a ameaça dos “elementos subversivos”. Chamou-se Lei de Segurança Nacional (LSN) e deu poderes especiais ao governo para reprimir atividades políticas contrárias à Revolução de 30.

Luís Carlos Prestes, em um movimento ousado, pronunciou, no dia 05 de julho de 1935, violento discurso em que acusava o governo Vargas de trair os ideais do tenentismo e afirmava necessitar o Brasil de um governo popular, revolucionário e anti-imperialista. Acusava o governo de fascista e propunha a sua derrubada.

Como reação a este discurso, em 13 de julho o governo decreta a ilegalidade da ANL e lança violenta perseguição aos seus membros, que vão sendo paulatinamente encarcerados. Tal ação convenceu a ala mais radical do PCB a optar por uma tática de levante armado, em que mobilizaria seus militantes e militares comunistas para a derrubada do governo.

A conversão de Luiz Carlos Prestes ao comunismo e seu posterior planejamento e participação nos levantes de 1935, recebem uma importante contribuição com a versão de William Waack sobre os acontecimentos no seu livro “Camaradas: nos arquivos de

¹⁷ FAUSTO, Boris. História da Civilização Brasileira, vol. 10

¹⁸ SKIDMORE, Thomas. Brasil – De Getúlio a Castelo.

Moscou”¹⁹. Prestes é uma importante figura, pela mística supracitada do “Cavaleiro da Esperança”, e muitos dos eventos ocorridos durante os levantes, tanto de Natal, quanto do Rio de Janeiro, foram realizados sob sua égide.

A obra de Waack, apesar de pintar um quadro extremo, no qual o fracasso dos levantes é creditado à falta de comunicação com Moscou, além do desinteresse do Komintern pela América Latina, nos dá um bom panorama dos eventos que vão se desenrolar, desde a conversão de Prestes até o desencadeamento dos levantes.

Entre as revelações do autor, até então desconhecidas da historiografia geral, está a correspondência entre o Komintern e Prestes, que demonstra ser o próprio Vargas que, sem ter conhecimento, dá a Prestes os meios financeiros para levar a cabo a revolta. Segundo o autor:

“O resultado dos encontros não se restringiu a intensa troca de frases de efeito entre dois homens que se tornariam inimigos e só voltariam a se ver – separados por uma grande tragédia e uma guerra mundial – quinze anos depois. Getúlio e Osvaldo Aranha prometeram a Prestes liberdade de ação para os tenentes no Rio Grande do Sul e dinheiro para que seu chefe, Prestes, pudesse comprar armas. Pouco depois de regressar pela segunda vez a Buenos Aires, a promessa estava cumprida. Prestes recebeu oitocentos contos de réis (cerca de 80 mil dólares), uma pequena fortuna à época, depositada num banco na Argentina. Continuava achando que Getúlio não queria fazer revolução alguma [...] Quanto ao dinheiro, embora não quisesse apoiar Getúlio, Prestes decidiu não devolvê-lo. Ele o guardaria para financiar sua própria, a verdadeira, revolução.”²⁰

Outra revelação no mínimo curiosa foi o fato do dinheiro ter sido usado para financiar a entrada de Prestes na Internacional Comunista. Como o autor aponta:

“Ironicamente, Getúlio forneceu a Moscou, via Prestes, parte dos fundos que iriam ser empregados mais tarde para tentar derrubá-lo. Prestes, que se tornara o dono do mais caro bilhete de entrada para a União Soviética, firmara um pacto no qual sacrificaria mais do que recursos financeiros, tipografias ou mensageiros. Ele não chegou a perceber que poderia ter imposto outras condições aos representantes do Komintern, cujo maior interesse concentrava-se em impedir que Prestes agisse de maneira independente.”²¹

O livro também procura demonstrar a transição que Prestes passa, de confiante líder militar a fantoche do comunismo internacional.

No dia 23 de novembro de 1935, militares comunistas revolucionários promoveram na guarnição do 21º Batalhão de Caçadores de Natal, liderados pelo Sargento Giocondo Dias, membro da direção do PCB e futuro sucessor de Prestes como seu secretário geral, além do

¹⁹ WAACK, William. *Camaradas: nos arquivos de Moscow – A história secreta da revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²⁰ *Ibidem*, p. 29º.

²¹ *Ibidem*, p. 44.

Sargento Quintino Clemente de Barros, uma rebelião na qual prenderam os oficiais da unidade e iniciaram o levante fora de uma data acertada.

O Movimento havia sido articulado para ocorrer em várias cidades do Brasil, em diferentes guarnições militares, ao mesmo tempo. Entretanto, os revoltosos iniciaram um ataque ao comando da Polícia Militar de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, o qual resistiu durante mais de dezenove horas, mas acabou sobrepujado no final.

Conforme Medeiros Filho (1980), houve uma tentativa de prisão do interventor Rafael Fernandes, mas este conseguiu abrigar-se na residência do cônsul italiano Guilherme Letiere. Diversos bancos foram saqueados e grandes somas foram distribuídas entre os diversos grupos que apoiavam a revolta. Os rebelados invadiram a tipografia do jornal “A República” e publicaram um jornal denominado “A Liberdade”, em que propagavam as idéias comunistas. Depois de estabelecer um governo em Natal foram conquistar o interior.

Na região do Seridó houve uma resistência liderada por fazendeiros locais, entre os quais Dinarte Mariz, que conseguiu impedir que os revoltosos continuassem a sua caminhada. Derrotados pela surpresa do ataque e sabedores das notícias da vinda de forças de Pernambuco, os insurgentes fugiram.

No dia 24 de novembro de 1935, uma unidade de Recife, o 29^o Batalhão de Caçadores²², subleva-se em apoio a Natal (Pernambuco representava o núcleo mais organizado do PCB no Nordeste brasileiro). Como bem explica Hélio Silva:

“A atitude geral era de curiosidade e simpatia. Mais uma vez os pernambucanos aplaudiam um levante, dispondo-se a apoiá-lo materialmente. Depois de 1931 vinha 1935. Para o povo era um acontecimento recebido com espírito esportivo. Muitos ignoravam por que se revoltava o 29^o BC. Outros, a minoria, sabiam que se tratava de um movimento cujo programa era o da ANL, de combate ao imperialismo, ao latifúndio e ao fascismo.”²³

Da mesma forma, no dia 25 de novembro, o 3^o Regimento de Infantaria, do Rio de Janeiro, também se subleva em apoio à guarnição de Natal, mas ambos encontraram feroz resistência das tropas legalistas, já alertadas do levante.

Em todos os estados onde houve estes levantes militares, os rebelados foram derrotados e muitos foram presos. O fracasso do movimento decorreu, em grande parte, da falta de planejamento e da ação desarticulada entre o braço militar do PCB e o seu braço sindical.

²² Nota: O 29^o BC e o 21^o BC tiveram suas sedes trocadas ; no entanto, ambas as guarnições se sublevaram em novembro de 1935.

²³ SILVA, Hélio. 1935 – A Revolta Vermelha. Pg. 29^o1.

Embora houvesse o apoio isolado de alguns sindicatos ao movimento, em geral as grandes estruturas sindicais falharam em mobilizar seus seguidores. Mais tarde, a cúpula do PCB vai atribuir o fracasso à falta de mobilização das massas, devido à fraca doutrinação política.

Getúlio Vargas pediu então ao Congresso a decretação do estado de sítio e, em dezembro, o Congresso aprovou três emendas que aumentavam os poderes do presidente. Estava ele autorizado a demitir qualquer funcionário público e fora aumentado seu poder sobre os militares (dando-lhe controle sobre a promoção de todos os oficiais e onde deveriam servir) e poderes que aumentavam a ação repressiva da polícia. Logo, toda a liderança do PCB foi aprisionada e seus escritórios invadidos e fechados. Milhares de políticos, suspeitos de simpatizantes, assim como militares e civis, foram aprisionados.²⁴

Este episódio gerou profundo ressentimento do Estado à ideologia comunista. A partir daí, Getúlio Vargas vai paulatinamente aumentando seus poderes, tendo sempre como justificativa a ameaça comunista, que a seu ver colocava em risco a segurança da nação. Durante os anos de 1935-37, o estado de sítio foi prorrogado inúmeras vezes.

Getúlio Vargas, armado da ameaça comunista, manipula habilmente a classe militar e a classe média, produzindo nestas o pessimismo quanto à viabilidade de uma política aberta. Skidmore²⁵ afirma que Vargas via no liberalismo democrático uma fraqueza e, portanto, foi decisivo para o quase sucesso da revolta subversiva comunista.

Nos dois anos que se seguiram aos Levantes Comunistas, o Gen. Góes Monteiro, grande apoiador de Vargas na área militar, adotou uma política de neutralização nos estados em que havia oposição ao governo federal. Por meio de transferências obrigatórias, muitos militares contrários à manutenção da ditadura foram afastados ou transferidos para regiões em que não pudessem perturbar a ordem.

O Gen. Góes Monteiro, tomando conhecimento de um documento produzido pelo capitão integralista Olímpio Mourão Filho como uma simulação de uma invasão comunista, resolve se apossar do dito documento e utilizá-lo como uma arma para solapar qualquer resistência aos planos de um regime ditatorial, forte e nacionalista. Tal documento, grosseiramente falsificado, ficou conhecido como Plano Cohen.

No começo de outubro de 1937, o Gen. Dutra, então ministro da Guerra, revelou ao Congresso o Plano Cohen e pediu a suspensão dos direitos constitucionais em vigor. O golpe

²⁴ SKIDMORE, Thomas. Brasil – De Getúlio a Castelo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

²⁵ Ibidem.

militar encontrava-se em pleno andamento e, em uma transmissão radiofônica no dia 10 de novembro, Getúlio Vargas anuncia a decisão de permanecer no cargo.

Getúlio Vargas, contando com o apoio do Exército, formalizou um golpe de estado que fechou o Congresso Nacional e promulgou uma constituição de cunho fascista. Nasce, assim, o Estado Novo, apoiado em forte retórica anticomunista e nacionalista.

A Constituição de 1937 buscou na legislação fascista os elementos que embasaram a sua legislação trabalhista corporativista²⁶. Todas as reivindicações da Igreja, atendidas na Constituição de 1934, foram eliminadas. De acordo com Skidmore²⁷, o Estado voltou a se declarar laico e só manteve, facultativamente, o ensino religioso nas escolas públicas. No entanto, a Igreja, sabedora do caráter ditatorial do regime de Vargas, procurou ignorar tais derrotas, pois continuava a ter bom relacionamento com o governo discricionário. Desta forma, não necessitava amarrar-se a um compromisso jurídico, bastando as boas graças com o Ditador. Em 1937, a Igreja, antiga adversária do comunismo, encontrou no discurso anticomunista do governo federal, uma convergência dos ideais, comungando do combate ao inimigo comum.

Desse modo, percebe-se nitidamente uma aliança tácita entre a Igreja, o Exército e o Estado, que se reforça no período posterior aos levantes e continua durante a ditadura do Estado Novo.

A partir dos discursos do jornal “A Ordem”, editado pela Arquidiocese de Natal, celebrando a resistência das forças legalistas à Revolução Comunista, podemos notar que os Levantes Comunistas de 1935 serviram como um forte reforço do elo entre as três principais forças conservadoras em atuação no Brasil.

Essa tríade composta por Estado, Exército e Igreja, possuía um denominador comum, que seria exatamente a difusão de idéias que garantissem a permanência da ordem vigente e a conformidade com a situação social vivenciada pela população.

Através da atuação de um quarto elemento, a legislação, as instituições difusoras do pensamento conservador garantem a atuação de seu ideal, punindo com severidade os indivíduos que se desviam de seus preceitos. Por muitas vezes, além da atuação legal, os indivíduos que se desvirtuam do ideal conservador são também punidos com o desprezo social de seu meio, como podemos ver no depoimento do general Antônio Carlos da Silva

²⁶ No sistema fascista, as corporações são um instrumento em mãos do partido único para permitir ao Estado estender seu controle sobre a sociedade subordinada. A política estende sua dominação sobre todas as esferas da vida. (CHÂTELET; DUHAMEL; PISIER-KOUCHNER, 2000, p. 241).

²⁷ SKIDMORE, Thomas. Brasil – De Getúlio a Castelo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

Murici sobre o episódio: “Nos Afonsos, na madrugada de 27, um grupo de oficiais e praças sublevou-se e traiçoeiramente assassinou seus companheiros, alguns dos quais dormindo” (McCaan, 2007). Isso nos leva à análise, como auspiciosamente aponta o autor Frank McCann, que “Na memória coletiva do Exército, os comunistas e a pérfida rebelião de 1935 ficaram para sempre associados”. Apesar de essa ter se tornado uma referência do comportamento dos rebelados durante o levante, o próprio McCaan vai desmentir tal fato, apontando que:

“Nenhum dos testemunhos dos que presenciaram o episódio fala em soldados mortos na cama, mas essa logo se tornou a referência clássica à revolução. É verdade que alguns praças de prontidão estavam na cama, totalmente fardados e armados. Mas tratava-se de uma medida de controle, para impedir contatos subversivos.”²⁸

²⁸ MCCAAN, Frank D. Soldados da Pátria: história do exército brasileiro 1889-1937. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAPÍTULO 2: A CONJUNTURA POLÍTICA DO RIO GRANDE DO NORTE NOS ANOS 30

O Rio Grande do Norte, com o advento da revolução de 1930, experimentava uma delicada situação política, com a substituição dos paradigmas da política local. A dificuldade gerada pelas tentativas de substituição das oligarquias dominantes nos estados, manifestar-se-á de modo visível no Rio Grande do Norte.

A alta rotatividade das interventorias chamadas “Tenentistas”, ou seja, alinhadas com a ideologia revolucionária, no estado do Rio Grande do Norte, demonstra com clareza a ação da oposição oligárquica às novas forças políticas presentes no estado desde o primeiro momento, quando Irineu Jofili assume o governo do Estado. Segundo João Maria Furtado:

“Os anti-revolucionários, já se organizando sob a oculta orientação do Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, chefe da reação no Estado contra a nova ordem de coisas e, principalmente contra o radicalismo de certas medidas tomadas pela ala tenentista, representada por João Café Filho, - Tanto que, muitos anos depois um lúcido comentarista da situação brasileira, o denominaria de “Tenente Civil” - aproveitaram a condição de paraibano do interventor e do seu Secretário, José de Borja Peregrino, para explorar na Imprensa que o Rio Grande do Norte, estava assessorado pela Paraíba.”²⁹

Assim como podemos observar as forças oligárquicas trabalhando na desestabilização da interventoria de Irineu Jofili, vemos o mesmo se desenvolver durante as posteriores interventorias Tenentistas, respectivamente, de Aluísio Moura, Hercolino Cascardo e Bertino Dutra, até a nomeação por Vargas de seu amigo Mário Câmara, em agosto de 1933, pertencente a uma tradicional família do estado.

Com a nomeação de Mário Câmara, Vargas procurou uma aproximação com as lideranças oligárquicas do estado, representadas por José Augusto de Medeiros. Visando essa aproximação, Mário Câmara propõe uma administração centrada em torno dos problemas econômicos que travancavam o desenvolvimento do estado, em especial, dos grandes latifundiários.

O afastamento de João Café Filho, revolucionário convicto e crítico mordaz das oligarquias, do cargo de chefe de polícia, a princípio colocou sua interventoria em bons termos com as oligarquias locais. Parecia que a situação de Mário Câmara estava caminhando

²⁹ FURTADO, João Maria. Vertentes: Memórias. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1976. Pg. 74.

para o perfeito entendimento com as oligarquias, e que finalmente se realizaria a pacificação do estado com o governo central.

O crescente prestígio de Mário Câmara com as lideranças do Partido Popular e o governo central faz com que ele avalie erroneamente sua força política no estado, levando-o então a discordar de decisões tomadas pelas lideranças do Partido Popular, assim como tendo certa falta de consideração para com seus pedidos. Como bem coloca Spinelli:

“No entanto, alguns fatos, certas diferenças, faziam prever desacordos futuros. O Partido Popular exigia a substituição de vários prefeitos do interior, considerados seus adversários. Era o caso dos municípios de Santana dos Matos, Lages, Currais Novos, Touros e Goianinha. Fazia também severas restrições aos diretores dos departamentos de Saúde Pública, Obras Públicas, e de Educação (este, parente do interventor).³⁰

Tal fato leva o Partido Popular a perceber que o único modo de colocar em prática suas aspirações políticas seria exatamente tomar o poder exclusivamente para si.

O estopim da contenda com Mário Câmara se dá quando o Partido Popular o procura, com o intuito de costurar um acordo, no qual daria amplo apoio ao interventor, em troca de cargos na administração local. Mário Câmara, após estudar a proposta, entendendo a mesma como sua submissão ao Partido Popular, decide apresentar uma contraproposta: o Partido Popular se dissolveria e seria criado outro partido, o Partido Liberal, e assim teria início a troca de cargos.

A contraproposta de Mário Câmara criou um constrangimento político, no qual as lideranças oligárquicas percebem que o interventor não estava disposto a dividir o poder com o Partido Popular. Como bem aponta Homero Costa:

“Realizada a reunião, o Partido Popular decide não aceitar a proposta do Interventor (o jornal *A Razão*, em sucessivas edições de 26 de maio a 11 de junho, publica 12 editoriais em que o partido popular esclarecia as conversações em torno de um entendimento). No essencial, o que ambos propunham era a subordinação de um grupo por outro.³¹

Com a posição irredutível de Mário Câmara, falham todas as tentativas de reconciliação entre este e o Partido Popular. Mesmo influências externas, como Juarez Távora e o próprio Vargas, falham em reconciliar as partes.

³⁰ SPINELLI, José Antônio. Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar (1930-35). Natal: EDUFRN, 1996.

³¹ COSTA, Homero. A Insurreição Comunista de 1935: Natal - O Primeiro Ato da Tragédia. Rio Grande do Norte: Cooperativa Cultura Universitária do Rio Grande do Norte, 1995.

A fundação do Partido Social-Democrático por Mário Câmara, em 26 de junho de 1934, e a troca de acusações feitas pelos jornais da época entre o Interventor e o Partido Popular, deram início a uma das mais ferozes campanhas eleitorais já vistas no estado.

Inúmeras ocorrências de violência, durante os comícios e caravanas, demonstram que a situação política no estado era tensa e Mário Câmara sabia que seria muito difícil sair vitorioso de uma contenda política contra o Partido Popular, tendo em vista sua grande influência política e econômica no estado. Ainda pesava o fato de Mário Câmara estar ciente de que seu prestígio político junto ao governo central estava abalado, devido à sua irreducibilidade nas negociações políticas, que tinham a finalidade de pacificar o estado.

Dessa forma, ele procura Café Filho, que havia fundado o Partido Social Nacionalista, e costura com sucesso uma aliança, que culmina com a formação de um novo partido, a Aliança Social.

Dessa aproximação de Mário Câmara com Café Filho e os movimentos sindicais, surge, pela oposição, uma identificação entre Mário Câmara e Café Filho com o comunismo, que será amplamente explorada após os acontecimentos de novembro de 1935. Como acusa João Medeiros Filho:

“O que se permitiu às massas, no Governo do Sr. Mário Câmara, não foi a participação nas discussões sobre os problemas nacionais. Foi sim a maximização da liberdade, visando à derrocada do regime democrático, da “democracia burguesa”. Ora, se “numa sociedade comunista, considera-se uma blasfêmia, bem como traição, criticar o marxismo ou qualquer dos seus aspectos fundamentais que afete a constituição social, suponho que os democratas não devem permitir qualquer ataque ou agressão que possa concorrer para o desrespeito à lei que rege a organização política que adotaram, sob pena de concordarem com sua autodestruição”.³²

É importante lembrar também que a década de 1930, no Rio Grande do Norte, é marcada pela reorganização do movimento sindical norte-rio-grandense, e Café Filho, considerado como “tenente civil” do movimento vitorioso de 1930, é visto com bons olhos pelo movimento sindical e, até mesmo, por alas sindicais ligadas ao PCB. Como bem afirma Brasília Carlos Ferreira:

“Café seria o agente da política sindical varguista no estado, empenhando todos os esforços para a adequação dos trabalhadores aos critérios oficiais. Os sindicatos, sob influência do cafeísmo, entram em processo de intensa organização. O clima de otimismo decorre da volta de Café Filho, para quem a nova conjuntura vai

³² MEDEIROS FILHO, João. 82 Horas de Subversão: Intentona Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, 1980.

acrescentar o componente legal à legitimidade de que ele já dispunha entre os trabalhadores.³³

Ambos os partidos, a Aliança Social e o Partido Popular, embarcam em uma campanha política marcada pela polêmica e pela violência: não eram raros embates entre seus partidários, e os jornais, facciosos, mantinham uma farta campanha de acusações mútuas.

A situação foi tão caótica que, com a vitória do Partido Popular nas urnas, a Aliança Social entra com um recurso para a impugnação de urnas no interior do estado, e mais da metade dos municípios do Rio Grande do Norte tiveram urnas impugnadas.

Durante as eleições suplementares, mesmo contando com o apoio de tropas federais, o estado vive mais um espetáculo da violência. Contudo, o Partido Popular mais uma vez consegue alcançar a vitória nas urnas, empossando no cargo de interventor seu filiado Rafael Fernandes, deixando a oposição ressentida e insatisfeita.

O governo de Rafael Fernandes representa dessa forma a volta das oligarquias dominantes ao centro do palco político do estado, fato esse que leva as disputas entre os revolucionários e a oposição, contrários aos oligarcas, ao limite. Rafael Fernandes realizava um governo extremamente parcial, centrado em torno dos interesses das oligarquias dominantes, sobretudo as oligarquias do Seridó, que tinham o algodão como sua principal atividade econômica. Segundo João Maria Furtado:

Assumindo o governo do Estado, o Dr. Rafael Fernandes (1891 - 1952), dono de uma grande firma comercial exportadora de algodão, entrou ele um dia na Recebedoria de Rendas e lá recriminou o seu diretor, Amaro Pinheiro, contra os preços altos constantes das pautas com que dizia o Estado estava, assim, acabando com a sua firma. Daí em diante, a pauta de exportação de algodão foi organizada fora daquele enquadramento da Bolsa de Valores.³⁴

Em consequência, criou-se contra o governo do estado um forte ressentimento dos revolucionários, que cada vez menos contavam com o apoio do governo central, assim como das oligarquias, que não se consideravam privilegiadas pelo governo estadual. Essa conjuntura, apoiada pelos movimentos sindicais, nos quais Café Filho possuía forte ascendência, somada com as articulações do Partido Comunista do Brasil e a camadas das forças pública e militar, insatisfeitas com as atitudes do governador, constituíram um quadro de insatisfação geral com o governo, que foi aproveitado tanto pela ANL quanto pelo PCB como um clima propício a revoltas. Segundo o historiador Hélio Silva:

³³ FERREIRA, Brasília Carlos. Trabalhadores, sindicatos, cidadania. Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1997.

³⁴ FURTADO, João Maria. Vertentes: Memórias. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1976. Pg. 102.

“A vitória de Rafael Fernandes colocou a quantos se congregaram em torno do antigo interventor na situação de vencidos. A combatividade desses elementos, que representavam a corrente pós 30, em oposição aos antigos políticos que reconquistavam o poder, as vinculações pessoais de Mário Câmara com o Presidente Vargas, criaram a perspectiva de que Rafael Fernandes não tomaria posse.”³⁵

Os conflitos do final de 1935 serão marcados por confrontos entre os maristas (partidários de Mário Câmara), cafeístas (partidários de Café Filho), contra os chamados peerristas (como eram chamados os filiados ao Partido Republicano, de onde saiu a base do Partido Popular). A insatisfação das forças de segurança também foi decisiva para o clima de confronto.

2.1 A SITUAÇÃO DAS FORÇAS DE SEGURANÇA NO ESTADO

O estado, durante a década de 1930, também se encontrava em uma delicada situação no que tange às forças de segurança, em especial o exército. O 21º Batalhão de Caçadores, sediado em Natal, era uma unidade que havia sido deslocada de Recife, pois a mesma tinha se rebelado em outubro de 1931. Dessa forma, veio para Natal o 21º Batalhão de Caçadores, e no seu lugar, foi enviado para Recife o 29º Batalhão de Caçadores. A transferência de Recife para Natal foi feita com o intuito disciplinar, mas sem sucesso. Como aponta Frank McCaan:

“Lembremos que o 21º Batalhão era a mesma unidade que se rebelara no Recife em 1931. Fora transferido para Natal como medida de controle, mas ainda havia problemas; como seus soldados se haviam envolvidos em brigas de rua pouco tempo antes, o governo enviara um coronel de confiança para discipliná-los. Vários soldados haviam sido incluídos na lista das expulsões, mas por alguma razão ainda continuavam nos quartéis.”³⁶

Não demorou muito para o 21º BC, já com o histórico de ter se levantado em armas para tentar depor o Interventor de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti, envolver-se na política local. Durante as eleições de 1935, que empossaram Rafael Fernandes no governo, Homero Costa aponta um episódio no qual uma comissão de oficiais, do exército e da polícia, vai até a residência de Mário Câmara e sugere ao Interventor sua renúncia.

³⁵ SILVA, Hélio. 1935 - A Revolta Vermelha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. Pg. 280.

³⁶ McCaan, Frank D. Soldados da Pátria: História do Exército Brasileiro, 1889-1937. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Pg. 481.

Um dos oficiais que participam dessa comissão, o tenente Ney Peixoto, exonerado por Mário Câmara do comando do batalhão da polícia militar, era conhecido por sua ligação com a política local, fazendo oposição a Mário Câmara e realizando propaganda eleitoral em favor do Partido Popular. Mesmo após Mário Câmara ter requisitado para o Presidente sua transferência para seu estado natal, Minas Gerais, o tenente consegue sua transferência para o 21º BC, e continua fazendo oposição aberta a Mário Câmara.

A situação estava tão caótica que o comandante da 7ª Região Militar, General Manuel Rabelo, se deslocou de Recife para Natal, como forma de acalmar os ânimos e acompanhar a situação que se desenrolava.

Um dos fatos que aumentou ainda mais essa inquietação nos meios militares foi a dissolução pelo Interventor Mário Câmara da Guarda Civil, criada por Café Filho, como forma de afastar qualquer tipo de adversários dentro do aparelho de estado. Com isso, aproximadamente 300 homens, com treinamento militar, versados no manejo de armas, ficaram descontentes com o governo, e engrossaram as fileiras revoltosas. Esses homens vão contar com a simpatia dos elementos do 21º BC e muitos deles vão participar na Revolução de 1935.

A ANL, Aliança Nacional Libertadora, dirigida por Luis Carlos Prestes, que contava em suas fileiras com o pessoal e a estrutura organizacional do Partido Comunista Brasileiro, viu na situação política, em especial nos quartéis do Rio Grande do Norte, uma oportunidade perfeita para a conversão de partidários para sua causa, utilizando a figura do “Cavaleiro da Esperança”, Luiz Carlos Prestes, para congregar as patentes mais baixas dos quartéis em torno da idéia de revolução, visando a melhoria do Brasil.

O Partido Comunista Brasileiro, recebendo instruções e apoio logístico de Moscou, utilizou a estrutura da ANL, e em especial a mítica em torno da lendária capacidade de líder militar de Luís Carlos Prestes, para organizar os levantes em Natal. Como grande parte dos praças que participaram do levante eram iletrados e vários grupos políticos estavam insatisfeitos com o governo, podemos dizer que os levantes de 1935 foram organizados e deflagrados sob uma orientação comunista, mas apresentavam uma grande pluralidade de ideologias e objetivos. O principal articulador do movimento no 21º BC, o Sargento Músico Quintino Clemente, era iletrado e não possuía formação marxista. Ainda segundo Hélio Silva:

O Levante de Natal foi uma revolta de cabos, sargentos, operários, funcionários públicos. A maioria nada sabia de comunismo. Nem mesmo os dirigentes do movimento, os poucos declaradamente comunistas, tinham formação marxista. Eram revoltados, simplesmente. O elemento de mais popularidade, o Sarg. Quintino, da banda de música do Regimento, não era letrado. Acreditava apenas que o

comunismo solucionaria os problemas brasileiros. O grosso dos adesistas julgava tratar-se de um movimento para repor o interventor Mário Câmara.³⁷

Foi nesse caldeirão de divergências políticas e ideológicas, de insatisfação e de revanchismo, que se deu a deflagração do movimento Revolucionário de 1935 em Natal, na sede do 21º Batalhão de Caçadores, no dia 23 de novembro de 1935.

2.2 O LEVANTE DE 1935 NO RIO GRANDE DO NORTE

Segundo Homero Costa³⁸, o levante de 1935 vai se desencadear no dia 23 de novembro, em Natal, nas dependências do 21º BC. Era um sábado e quase toda a oficialidade já havia retornado para suas casas, deixando apenas dois tenentes a cargo do quartel. Pouco depois das sete horas da noite, as sentinelas de guarda notam estranha movimentação no pátio, que se repete novamente às sete e meia, mas, dessa vez, feita por soldados armados, que se aproximam do oficial de dia. Três desses elementos, o sargento Quintino Clementino de Barros, o cabo Giocondo Dias e o soldado Raimundo Lima, dão voz de prisão aos oficiais de dia, “em nome do capitão Luiz Carlos Prestes”. Não oferecendo resistência, os oficiais foram recolhidos ao xadrez improvisado, enquanto os revoltosos ocupavam posições estratégicas no quartel.³⁹

Com o quartel dominado, são disparados tiros para o alto e anunciado toque de recolher, dando sinal ao início da revolta. Os soldados que chegavam eram instruídos a se fardarem e se armarem, enquanto civis envolvidos no movimento recebiam a mesma instrução. Organizados, começam os deslocamentos de tropas para pontos estratégicos da cidade, como a residência do governador, o palácio do governo, a central de energia elétrica, a estação ferroviária, as centrais telefônica e telegráfica e o aeroporto. Além disso, marchas são organizadas para prender os oficiais e autoridades em suas próprias residências.

O chefe de polícia, João Medeiros Filho, dirige-se ao Teatro Carlos Gomes, onde acontecia solenidade com personalidades do governo, dentre elas, o próprio governador Rafael Fernandes, com a intenção de se informar da situação. Não obtendo resposta, desloca -

³⁷ SILVA, Hélio. 1935 - A Revolta Vermelha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. Pg. 280.

³⁸ COSTA, Homero de Oliveira. A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia. Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1995.

³⁹ Ibidem.

se pela cidade procurando informar-se do acontecido, até que um sargento, Amaro Pereira, sugere que ele vá ao 21º BC onde poderiam obter respostas. Chegando lá, é imediatamente preso e recolhido ao xadrez.

Com quase toda a oposição presa, escondida ou em fuga, a marcha dos revoltosos do 21º BC continua por toda a cidade. O único foco de resistência que a cidade ainda oferece é o quartel de polícia militar.

Dessa forma, o sargento Quintino, um dos líderes militares do levante, ordena um ataque imediato ao quartel. Os soldados que lá chegam dão voz de prisão aos ocupantes do quartel, que retrucam abrindo fogo aos insurgentes. Dessa forma, começa o tiroteio que dura 17 horas, até o completo esgotamento da munição das forças policiais. Apesar do grande volume de fogo aplicado ao quartel de polícia, e mesmo com vários feridos, houve apenas um morto durante a resistência no quartel de polícia militar: Luiz Gonzaga de Souza, alvo de muita polêmica e contestação. A cadeia pública também é atacada e dela são soltos 68 presos, que são armados e aderem à revolução. O cartório da cidade também é incendiado, bancos e distribuidoras de gêneros alimentícios são saqueados e carros são confiscados para uso do movimento revolucionário. O jornal “A República” é tomado pelos insurgentes; com seu aparelho tipográfico é impresso o jornal “A Liberdade”, que teve edição única.⁴⁰

Findada toda a resistência, e finalmente tomado o controle da cidade, na noite do dia 24 de novembro, as tropas do 21º BC se deslocam para o interior, organizando-se em três colunas principais: uma indo em direção a Mossoró, outra seguindo a estrada de ferro até a cidade de Nova Cruz e a terceira indo na direção de Goianinha. Os revoltosos conseguem facilmente ocupar as cidades de Ceará Mirim, Baixa Verde, Nova Cruz, Panelas, Serra Caiada, São José do Mipibu, Arês, Goianinha, dentre outras. Mais da metade dos municípios do estado estavam em mãos dos revoltosos. Parecia que o movimento seria vitorioso no estado, mesmo tendo conhecimento que o levante de Recife fracassara e que tropas legalistas estavam em movimentação para reprimirem o evento.

Mas a organização de latifundiários, dentre eles com maior destaque o “coronel” Dinarte Mariz, leva a primeira derrota em armas aos revoltosos, com um ataque surpresa às colunas insurgentes, numa serra conhecida como Serra do Doutor.⁴¹

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Segundo Homero Costa aponta, são apresentadas várias versões sobre esse episódio. Segundo depoimento de Dinarte Mariz ao Senado, datado do dia 27 de novembro de 1969, ele estava presente no decorrer da batalha, organizou e liderou pessoalmente toda a resistência. Já segundo Luiz Gonzaga Cortez diz que no momento da batalha da Serra do Doutor, Dinarte Mariz se encontrava no estado da Paraíba.

Com a derrota militar, os revoltosos resolvem se reagrupar no município de Santa Cruz onde, após analisarem sua situação e se informarem dos últimos movimentos de tropas de vários estados para a supressão da revolta, não encontram solução que não seja a fuga. Dessa forma, o movimento se desbarata de forma desorganizada, com seus integrantes seguindo rumos diferentes.

CAPÍTULO 3: LUIZ GONZAGA DE SOUZA: VERSÕES

O Soldado Luiz Gonzaga é atualmente uma das representações de maior prestígio no imaginário da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, sendo a *Medalha do Mérito Policial Luiz Gonzaga*, instituída em 15 de agosto de 1977, a mais alta condecoração da casa militar do Rio Grande do Norte.

A história do soldado que, municinando a metralhadora do Tenente Pedro Vicente Lima (o qual, aliás, segundo João Medeiros Filho, teve como último desejo ser sepultado no mesmo túmulo de Luiz Gonzaga) dentro do quartel de Polícia Militar, foi abatido a tiros durante a resistência aos comunistas rebelados, tornou-se a representação maior do espírito combativo e legalista do Rio Grande do Norte durante as 82 horas que compreenderam o evento.

A escolha de Luiz Gonzaga para o papel de mártir da Polícia Militar do Rio Grande do Norte ocorreu certamente porque foi, em todo o levante, a única vítima legalista do Rio Grande do Norte. E essa morte foi expressiva devido ao fato de, durante toda a série de levantes que estouraram em vários pontos do país, o Rio Grande do Norte ter sido o único estado do Brasil realmente tomado pelos comunistas.

Os levantes no Rio de Janeiro e Recife, posteriores, tiveram sangrentos embates entre as forças legalistas e rebeldes, que resultaram em vários mortos e feridos. Em nenhum outro estado do Brasil os rebeldes conseguiram tomar o governo, mesmo porque as forças legalistas de todos os estados estavam de prontidão devido aos acontecimentos do Rio Grande do Norte, fechando o cerco às tentativas golpistas, que então tentaram uma ação desesperada e fadada ao fracasso, no Rio de Janeiro e em Recife.

O fato de Natal ter caído tão rápido e com tão pouca resistência nas mãos dos comunistas, mesmo que tenha sido o primeiro estado rebelado, sem nenhuma advertência real para os acontecimentos que se desenrolaram, gerou a necessidade, por parte das autoridades competentes, da exaltação de um mártir local, que demonstrasse tanto o perigo do movimento comunista, quanto a participação dos bravos norte-rio-grandenses na defesa da pátria e de suas instituições. E o Soldado Luiz Gonzaga foi o homem escolhido para ser essa representação.

Nessa construção do mártir norte-rio-grandense, Luiz Gonzaga foi apresentado como um bravo, que se salientara na metralhadora pesada. Seu nome, acompanhado da patente de Soldado, foi inscrito no monumento aos mortos da Intentona Comunista, construído em 1938, sobre o local que antes abrigava o 3º RI, na Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Esse fato é um bom indicativo de que a construção de um mártir local, Luiz Gonzaga, já em 1938, estava consolidada no âmbito local, e por consequência, como a presença de seu nome no monumento demonstra, no âmbito nacional.

A historiografia brasileira, de modo geral, não tece muitas linhas sobre o levante no Rio Grande do Norte, assim como sobre o caso Luiz Gonzaga que, na melhor das hipóteses, é apresentado apenas como um nome entre tantos outros.

Hélio Silva, na obra “1935 – A Revolta Vermelha”, não dedica uma linha aos mortos dos Levantes de Natal, muito menos ao caso do Soldado em questão.

Frank McCann, em seu livro “Soldados da Pátria – História do Exército Brasileiro 1889 – 1937” discorre sobre o evento, mas também não menciona os mortos durante o levante de Natal.

Em algumas obras, como “Lembra-vos de 35”, do General Ferdinando de Carvalho, Luiz Gonzaga é citado apenas como um nome no meio de muitos entre as vítimas dos Levantes de 1935.

O fato é que a maior parte da historiografia sobre a “Intentona Comunista” dedica-se aos fatos ocorridos no Rio de Janeiro, em especial, no 3º RI da Praia Vermelha, seja pela fúria da reação legalista, que praticamente demoliu o 3ºRI com bombardeios, seja pela presença e atuação direta de Luís Carlos Prestes nos eventos do Rio de Janeiro, e até mesmo pelo perigo representado por um levante do Exército em plena capital federal que, como aponta a história, possuía o retrospecto de ter rendido a queda de governantes durante a Velha República.

Como aponta o discurso anticomunista proferido durante a celebração de ano novo de 1936, a fomentação do plano Cohen e a posterior ditadura do Estado Novo, Vargas com certeza se mostrou especialmente incomodado com o levante, principalmente por ter estado do outro lado das trincheiras na revolução de 1930⁴².

Já no Rio Grande do Norte, vemos uma situação diferente no tocante ao trato dos estudiosos sobre a historiografia do levante. A historiografia norte-rio-grandense trata sobre os eventos locais, mas infelizmente, como já indicado pela análise da historiografia geral, a

⁴² Segundo Frank McCann, Vargas declarou em um discurso, datado de 1 de janeiro de 1936, que “os nossos comunistas imitam os apóstolos do bolchevismo russo no surto vergonhoso de 27 de novembro durante o qual houve cenas de revoltantes traições e, até, assassinio frio e calculado de companheiros confiantes e adormecidos”.

discrepância sobre os acontecimentos entre os autores é enorme e, em certos casos, completamente divergente.

Para completar a situação de caos na historiografia local estabelecida, as principais linhas de análise são contemporâneas, alguns são agentes ativos nos levantes, existem diferenças pessoais entre autores, e ainda há o “fantasma ideológico” pairando sobre a escrita de tal historiografia. Da mesma forma, as duas principais versões sobre o caso Luiz Gonzaga são relatadas por pessoas em diferentes lados do conflito, ambas com um visível propósito em desqualificar a versão do outro.

Sobre os problemas particulares entre os autores, apresento as duas principais figuras que produziram uma historiografia do evento aqui no Estado, e que, através delas, se dá o embate de versões: O advogado e ex-chefe de polícia de Natal, João Medeiros Filho, e o juiz João Maria Furtado. Mais à frente, demonstrarei as nuances que tornam as versões intrínsecas a seus autores, assim como ao relacionamento entre ambos.

João Medeiros Filho, à época, era o chefe de polícia de Natal. Durante o levante na capital do Rio Grande do Norte, foi preso pelos rebelados, que o fizeram cair em um embuste e, segundo o próprio, por pouco escapou de ser fuzilado nas dependências do 21º BC.

João Medeiros Filho é, então, um dos principais autores potiguares sobre o levante, pois, além de ser o Chefe de Polícia na época, tendo visto a deflagração e o desenrolar do levante de perto, também atuou na posterior repressão ao movimento.

Sobre o levante, publicou duas obras: “*Meu Depoimento*”, de 1937, uma obra que hoje se encontra esgotada, e “*82 Horas de Subversão: Intentona Comunista de 1935 no Rio Grande do Norte*”, na qual ele reedita boa parte de seu primeiro livro, acrescentando mais dados, documentação e defesas contra ataques e enganos cometidos por outros escritores, como João Maria Furtado e Hélio Silva.

Nessa segunda versão de sua obra, ele apresenta um fac-símile dos documentos de incorporação e promoção post-mortem do Soldado Luiz Gonzaga de Souza, além do depoimento de Aldo Fernandes Raposo de Melo, datado de 1978, que na época era Secretário-Geral do Rio Grande do Norte, no qual discorre sobre os mortos do Levante, em especial de Luiz Gonzaga, apresentando o fato de que, 40 anos depois de sua morte, em 1975, seus restos mortais foram transferidos em romaria pública do cemitério do Alecrim, aonde repousava, para a sede da Polícia Militar de Natal. No monumento erigido no cemitério do Alecrim em homenagem às vítimas do Levante de 1935, há inscrita uma frase de autoria de Getúlio Vargas: “*Para a vitória de uma pátria, nem sempre é preciso matar, basta às vezes que se saiba morrer.*”

Entre os outros documentos que a obra apresenta, temos o relatório de Enoch Garcia, Delegado de Ordem Social, sobre a revolução em Natal, que aponta Luiz Gonzaga de Souza como uma das vítimas e que, segundo João Medeiros Filho, era uma documentação que já constava em seu primeiro livro, “*Meu Depoimento*”, nas páginas 107 a 112, embora outros autores, como Homero Costa⁴³ e Luiz Gonzaga Cortez⁴⁴, afirmarem que o nome do Soldado Luiz Gonzaga foi acrescido posteriormente, somente na obra “*82 Horas de Subversão*”.

A versão de João Medeiros Filho é suspeita e cheia de inconsistências: dentre elas, podemos apontar com clareza a alteração de documentos, como apontam Homero Costa e Luiz Gonzaga Cortez, a falta de testemunhos que corroborem a condição de Soldado de Luiz Gonzaga de Souza, a própria burocracia da Polícia Militar de Natal, que dificulta o acesso a tais documentos por motivos legais, além da lenta apuração do levante, que gera dúvidas sobre a veracidade das informações colhidas.

Esclarecida a obra de João Medeiros Filho, vemos que é de seu interesse justificar as ações da resistência potiguar aos rebelados, devido ao fato de ter sido ele o encarregado de garantir a segurança da capital, o que não foi possível ser feito.

Do outro lado da discussão sobre o tema, temos João Maria Furtado, um juiz na época, lotado na comarca de Baixa-Verde que, segundo o próprio, na época se encontrava na praia de Cajueiros, distante quatro léguas dos acontecimentos que se precipitaram em Baixa-Verde durante o levante.

João Maria Furtado, pertencente a um grupo de oposição ao governo, ligado à Café Filho (os chamados “cafeístas”), apesar de não ter participado do levante, sofreu ampla perseguição durante o período de repressão que se seguiu ao levante.

É importante salientar que, como já apontava o jornal “A Ofensiva”, do dia 30 de janeiro de 1936, que seguia orientação integralista, João Maria Furtado era “Um Juiz Comunista no Rio Grande do Norte”. Em sua autobiografia, “*Vertentes*”, numa passagem curta, mas de impacto, apresenta a idéia de que, segundo elementos destacados na revolta, como Sizenando Filgueira, Ramiro Magalhães e Carlos Vander Linden, o dito Soldado Luiz Gonzaga nada mais era do que um “pobre demente” que vivia perambulando as ruas de Natal.

Em sua versão, ele conta que Sizenando Filgueira teria confessado a ele que teria sido o algoz de Luiz Gonzaga. Sizenando teria dito que, após ter cessado a fuzilaria de ambos os

⁴³ COSTA, Homero de Oliveira. A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia. Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1995. P. 92.

⁴⁴ CORTEZ, Luiz Gonzaga. A Revolução Comunista de 1935 em Natal. Natal, 1985. P. 244-245.

lados, Sizenando teria avistado o paisano “doidinho”, como se refere ao Soldado, em sua insanidade, brincando com um fuzil. Como o “doidinho” fez menção de atirar em sua direção, Sizenando então o alvejou com seu fuzil e, segundo ele, a pretensa vítima teria dado um grande pulo pra cima e caído estirada no capim.

Dessa forma, ele apresenta a idéia de que o Major Luiz Júlio, então comandante do Batalhão de Polícia, escolheu Luiz Gonzaga para ser o mártir da insurreição pela polícia militar, alistando-o postumamente.

Ao contrário da versão de João Medeiros Filho, a versão de João Maria Furtado conseguiu um bom número de adeptos, que procuraram corroborar sua história: dentre eles, o que mais se destacou foi o jornalista Luiz Gonzaga Cortez, que já havia lançado a obra “*Pequena História do Integralismo*”, na qual ele abordava a história de Luiz Gonzaga superficialmente, transcrevendo uma passagem do livro “*Vertentes*” de João Maria Furtado.

Já Homero Costa procura apresentar os fatos de forma transparente, embasando sua pesquisa na análise documental do caso, demonstrando falhas de ambas as versões.

Em sua obra “*A Insurreição Comunista de 1935: Natal – O Primeiro Ato da Tragédia*”, uma versão revista e atualizada de sua tese de mestrado pela UNICAMP, tenta em alguns pontos conciliar as duas versões, a de João Maria Furtado e a de João Medeiros Filho, no tocante ao levante: enquanto João Medeiros Filho diz que o movimento foi obra de comunistas, com ordens e diretrizes de ação vindas diretamente de Moscou, João Maria Furtado apresenta o levante como uma agitação política de âmbito local, uma mistura de insatisfação com o governo vigente, insegurança empregatícia dos agentes da força pública e inquietação dos meios militares, tudo isso somado a uma boa dose de utopia no que se refere aos rumos do Brasil, alimentados pela figura quase mítica de Luiz Carlos Prestes.

O Autor então tenta realizar essa conciliação, demonstrando que o movimento seguiu uma orientação comunista: mas com um fraco embasamento teórico e ideológico de seus participantes. Apresenta a versão de que Prestes e o PCB receberam sinal verde para uma revolta, patrocinada e apoiada pelo Komintern, mas que, como demonstram os contatos com Agildo Barata, Otacílio Meireles, Silo Alves, dentre outros, realizados por Prestes quando voltou ao Brasil na clandestinidade para preparar o evento, seria um levante basicamente restrito aos quartéis. E que a efervescência política que se fazia presente nos quartéis do Rio Grande do Norte, com a nomeação de Rafael Fernandes para o governo do Estado, foi o estopim definitivo para o clima da revolta.

Sobre o “caso Luiz Gonzaga”, Homero Costa apresenta a idéia de que é no mínimo incomum o fato do nome do Soldado não constar na primeira edição de “A República”, no dia seguinte ao desmantelamento do levante.

Sua contribuição para ambas as versões do episódio de Luiz Gonzaga se dá nas entrevistas de participantes do levante, nas quais o nome do soldado não consta, assim como em relatórios, como o do Coronel Arthur Sílio Portela, encarregado do Inquérito Policial Militar, mas, em contrapartida, cita uma carta do governador Rafael Fernandes, datada do dia 7 de janeiro de 1936, em que o governador envia um relatório do Comandante do Batalhão Policial ao Comandante da 7ª Região Militar, relatório que por sua vez é datado de 23 de dezembro de 1935, em que diz que “*após retirada do quartel foi atingido e morto, por certos tiros do inimigo o Soldado Luiz Gonzaga, que na metralhadora pesada se salientara como um bravo*”.

O jornalista Luiz Gonzaga Cortez é outro ator importante nessa desconstrução do Soldado Luiz Gonzaga. O autor, que já tinha escrito um livro tratando sobre os membros integralistas no Rio Grande do Norte, publicou várias matérias no jornal “*O POTT*”, tratando sobre o levante.

É dele a autoria da entrevista com Sizenando Filgueira, em que confirma ter sido o alzo do Soldado Luiz Gonzaga, assim como da entrevista de João Medeiros Filho, em que o antigo delegado confirma ter adulterado a data de inscrição do Soldado Luiz Gonzaga na polícia, para entrar em conformidade com a data de inscrição de outros recrutas.

Cortez publicou um livro⁴⁵ em que desconstrói a luta no interior, comandada por Dinarte Mariz, argumentando que, quando Mariz se pôs em marcha, o movimento já tinha se debelado, assim como o caso do Soldado Luiz Gonzaga, em que, apoiando-se na versão de João Maria Furtado e em suas próprias entrevistas, tenta desqualificar a história oficial e a história da polícia.

Em seu livro, também podemos perceber, através do depoimento de José Batista da Silva, que muitos maristas (partidários de Mário Câmara) e cafeístas (partidários de Café Filho) também foram perseguidos como comunistas no período posterior ao levante, o que gerou uma grande hostilidade para com as autoridades competentes, encarregadas da supressão do levante.

Um ponto interessante do livro de Luiz Gonzaga Cortez, que em grande medida é negligenciado pelo autor, é a quantidade de discrepâncias e inconsistências entre os

⁴⁵ CORTEZ, Luiz Gonzaga. A Revolução Comunista de 1935 em Natal. Natal, 1985.

depoimentos orais dos participantes que ele colhe para a montagem de seu livro. Um exemplo disso é o depoimento de Gastão Nunes, que diz ter tido o grande prazer de ter conhecido Luiz Carlos Prestes durante seu tempo de cárcere na Ilha Grande, sem que, no entanto, em nenhum momento tenham compartilhado a mesma cela, nem ao menos o mesmo presídio, como o próprio autor aponta. Esse é um exemplo menor entre as discrepâncias encontradas em sua obra que, como procurarei demonstrar, têm um forte impacto na construção da figura do Soldado Luiz Gonzaga.

Exemplo claro das discrepâncias apresentadas se dá na análise dos depoimentos de Enéas de Araújo, do que tratarei mais adiante, e do próprio Sizenando Filgueira, alagoense confesso do Soldado Luiz Gonzaga: na versão de Enéas de Araújo, o Soldado trajava camisa e calça civis, por ser recruta e ainda não ter recebido a farda, além de botas.

Já Sizenando Filgueira diz que, ao abater o Soldado, este trajava apenas um calção, sem camisa. Da mesma forma, Enéas de Araújo conta que, segundo o Sargento Luiz Gonzaga César de Paiva, que estaria junto com o grupo que realizou a fuga do quartel, o recruta estaria desarmado quando morreu, caindo estirado na lama, contrariando a versão de Sizenando Filgueira, que afirma ter atirado em defesa própria, após avistar o paisano “doidinho” fazendo menção de atirar em sua direção.

Seguindo a lógica, se o recruta estava desarmado, a versão do “grande pulo para cima, caindo estirado no capim, enquanto o rifle caía para um lado” de Sizenando Filgueira, também é alvo de contestação. É interessante notar que a obra de Luiz Gonzaga Cortez apresenta indicativos, através de depoimentos com participantes no levante, de que Luiz Gonzaga de Souza poderia sim ser um soldado da Polícia Militar, mas faz questão de expor sua opinião sobre o caso de forma clara em uma passagem do livro, comentando uma adulteração de João Medeiros Filho nos documentos da Polícia Militar:

“Conversa para boi dormir. A adulteração foi feita, de boa ou má fé. O julgamento será feito pela história. O inquérito da insurreição foi concluído em abril de 1936, portanto, cinco meses de investigação e interrogatórios. Tempo suficiente para arrolar uma vítima ou “herói”, caso tivesse ocorrido nas hostes da Polícia Militar, a corporação que defendeu Rafael Fernandes.”⁴⁶

É importante também citar a pesquisa de Célia Maria Lins de Melo⁴⁷, que deu um importante passo na pesquisa sobre Luiz Gonzaga de Souza. Tendo acesso à documentação da

⁴⁶ CORTEZ, Luiz Gonzaga. A Revolução Comunista de 1935 em Natal.

⁴⁷ MELO, Célia Maria Lins de. Reflexos do Tenentismo no Movimento Armado de 1935. Monografia apresentada à banca de graduação do curso de história da UFRN. Natal, 2001.

Polícia Militar do Rio Grande do Norte, Célia Maria Lins apresenta retratos do soldado, fotos de sua casa e seus familiares e, mais importante, os documentos de alistamento, exclusão por falecimento e promoção por bravura do soldado. Tais documentos foram fotografados, o que acaba com as críticas feitas a João Medeiros Filho sobre ter apresentado apenas a transcrição dos mesmos, apesar de não poder ser descartada a hipótese de adulteração dos documentos por parte da polícia.

3.1 PROPÓSITO DAS CONSTRUÇÕES SOBRE LUIZ GONZAGA DE SOUZA

Apresentados todos os principais atores envolvidos na polêmica que envolve o Soldado Luiz Gonzaga, tratarei de um grave problema que envolve a historiografia norte-rio-grandense quando o assunto é o Levante Comunista de 23 de novembro de 1935: as personalidades e o viés político-ideológico.

Não seria nenhuma surpresa o fato de João Medeiros Filho defender, com unhas e dentes, uma valorosa atuação da polícia militar nas 82 horas que compreenderam a revolta no Rio Grande do Norte. Ainda mais se pensarmos ainda no fato de que o estado sucumbiu aos revoltosos. Mas quais seriam as motivações que levaram João Maria Furtado a procurar dinamitar a construção de um mártir da Polícia Militar do Rio Grande do Norte?

A resposta a essa pergunta pode estar no próprio livro de João Maria Furtado, “*Vertentes*”. Nas páginas que abordam a posterior repressão ao levante, João Maria Furtado define tal período como sua “*Via Crucis* de atribulações e sofrimentos”⁴⁸, período no qual ele foi preso por duas vezes, a primeira pela polícia e, posteriormente, pelo exército. Ameaçado com uma nova prisão e deportação para o Rio de Janeiro, onde estavam sendo julgados os demais envolvidos com a revolta, no Tribunal de Segurança Nacional, João Maria Furtado se exila no Ceará. E por ser perseguido pela polícia, João Maria Furtado cria um sentimento de rancor para com João Medeiros Filho, como podemos verificar em seu livro:

“Então a polícia mandada pelo Dr. João Medeiros Filho para minha segunda prisão, percorreu e revistou a casa até por baixo das camas e abrindo as jarras como depósitos d’água. Decepcionada, permaneceu do lado de fora e quando Jacira fechou as portas para se recolher cerca de meia noite, alegando não esperar mais minha volta, acordada, os investigadores chegaram a subir no telhado não deixando ninguém dormir, aterrorizando minha família por todos os meios, até disparando armas a esmo no meio da noite.”⁴⁹

⁴⁸ FURTADO, João Maria. *Vertentes*. Pg. 155.

⁴⁹ *Idem*. Pg. 166.

Continuando, João Maria Furtado ataca a obra de João Medeiros Filho, “Meu Depoimento” de 1937, sobre a publicação de bilhetes de um suposto agente comunista, apenas identificado por “BLUCHE”, que supostamente teria dado as diretrizes da revolta em Natal. Sobre o caso, ele escreve:

“A publicação em que estão inseridos todos esses bilhetes em “clichês” é de 1937. Todos os inquéritos policiais que apuraram os acontecimentos de novembro de 1935 foram logo terminados. Os originais desses bilhetes – encontrados no quartel do 21º BC – após a jugulação da revolta ficaram, portanto, desde aí, em poder da Polícia, do Chefe de Polícia. E porque não foram instruir aqueles inquéritos como documentos de grande importância? E qual a explicação de terem servidos apenas para sua publicação nesse livro do então Chefe de Polícia quase dois anos depois? Há duas alternativas: ou esse “BLUCHE” fora, assim encoberto, um agente provocador do governo e este não tinha interesse em identificá-lo ou esses bilhetes foram “fabricados” para dar relevo à atuação do autor do livro na qualidade de Chefe de Polícia.”⁵⁰

É certo que, no decorrer de seu livro, João Maria Furtado não se mostra em boas disposições nem com o governador, Rafael Fernandes, caracterizado por ele como um governante corrupto, que tinha como meta favorecer sua produção de algodão e, muito menos, com a polícia, que ele apresenta como truculenta e ignorante. Se a construção do mártir Luiz Gonzaga se inicia durante o governo de Rafael Fernandes, como Homero Costa indica, João Maria Furtado ataca a parte mais importante da reação anticomunista iniciada pelo governo Rafael Fernandes após o levante: sua própria legitimidade, representada pelo herói legalista tombado em combate.

O prefácio do livro “*A Revolta de 1935 em Natal*”, de Luiz Gonzaga Cortez ⁵¹, é escrito por Eduardo Maffei, ativista do Partido Comunista durante a era Vargas, demonstrando uma inclinação ideológica que o jornalista carrega por toda a duração de seu livro.

Nessa obra, ao mesmo tempo em que o autor transcreve a entrevista de Sizenando Filgueira, em que ele conta ter sido o algoz do “doidinho”, também apresenta o depoimento de Enéas Araujo, major da reserva da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, que diz ter sido avisado de que havia um soldado morto no tiroteio e que assistiu todo o trabalho de remoção do cadáver do soldado do local aonde o mesmo foi abatido. Mas conta que as comemorações referentes à morte do Soldado só começaram em 1943, citando que antes das comemorações

⁵⁰ Ibidem. Pg. 146.

⁵¹ CORTEZ, Luiz Gonzaga. *A Revolução Comunista de 1935 em Natal*. Natal, 1985.

oficiais, só se referiam ao soldado como “Mão de Sangue”, epíteto decorrente de uma versão que o jornal “A Ordem” vai apoiar:

“No decorrer da resistência, quando mais acesa se torna a luta, tomba varado de balas um dos bravos municionadores da metralhadora da Força Policial – o imortal LUIZ GONZAGA DE SOUZA. E ao sentir-se ferido, põe, instintivamente, a mão sobre a ferida, amparando-se depois numa das portas, em cuja pintura fica gravada a mão de sangue do herói defensor da nacionalidade, morto no cumprimento sagrado do dever, em defesa dos princípios cristãos do nosso povo.”⁵²

Essa passagem, retirada do jornal “A Ordem” de 23 de novembro de 1945, sobre uma nova versão, que não se sabe a origem, apoiada pela Igreja, lembra-nos o discurso integralista, de uma aliança entre as Forças Armadas, a Igreja e o Estado, aliança essa que vai entrar em pauta durante o “Estado Novo” de Vargas.

Com informações tão conflitantes, recheadas de teor ideológico, com exaltação de feitos, defesa de posições, justificativa de atitudes, até mesmo chegando ao limiar do possível revanchismo, o único fato que podemos apontar com certeza, é de que houve um morto no decorrer do Levante Comunista de 1935. E que essa figura se transformou, com a ajuda de todos os autores aqui citados, incluindo seus detratores, na representação maior do espírito legalista do Rio Grande do Norte.

Como já apontei, os levantes de 1935 foram um golpe inesperado, que pegou de surpresa as classes conservadoras. Um homem caído em combate, defendendo a pátria e seu estado, era a chave para demonstrar à população até onde se estendia a torpeza dos comunistas, ao mesmo tempo em que demonstrava ao Estado central sua fidelidade à proteção dos ideais conservadores, que, como o Rio de Janeiro e Pernambuco, procurou dar o seu melhor na proteção do status-quo, mas que por uma infelicidade, sucumbiu aos comunistas.

O Soldado Luiz Gonzaga passa de ilustre desconhecido a herói do estado por necessidade da Polícia Militar do Rio Grande do Norte e do próprio governo do estado, de alguém que representasse esses ideais e, a cada ataque desferido à sua figura, ao invés de desconstruir a representação de um bravo, ela se fortalecia pelas mãos das forças conservadoras.

Os tempos mudaram, a conjuntura política mudou, mas o propósito da lenta e gradual construção da figura do mártir Luiz Gonzaga continuou a mesma durante o regime militar e continua até hoje: exemplificar os perigos da insubordinação e da quebra do espírito de corpo militar e mostrar ao resto do país que os filhos do Rio Grande do Norte não são vencidos sem luta.

⁵² Jornal “A ORDEM”, 23 de novembro de 1945, pg. 1.

CONCLUSÃO:

Os estudos sobre os levantes de 1935 apresentam diversas versões sobre os fatos que se desenrolaram entre os dias 23 e 28 de novembro de 1935, que são alvo de contestação de historiadores e pesquisadores. Muitos desses fatos, por apresentarem apenas fontes orais, estão se perdendo com o tempo, e provavelmente ficarão sem uma versão definitiva e satisfatória que possa dar conta de todos os pormenores, muitos deles excludentes, apresentados pelas fontes que temos disponíveis hoje em dia.

Muitos desses fatos se apóiam apenas em depoimentos orais e, quando aparecem fontes documentais, temos que fazer sua crítica interna, levando em conta a desorganização dos arquivos e a situação política da época, na qual a caça aos elementos sediciosos e a demonstração de dedicação às ideologias do estado central eram as prioridades principais das forças conservadoras. E a figura de Luiz Gonzaga de Souza é um exemplo perfeito que demonstra a dificuldade no trato da historiografia e das fontes documentais disponíveis na análise dos levantes de 1935.

Apesar das pesquisas sobre Luiz Gonzaga de Souza, nos últimos anos, trazerem à luz diversos dados novos e importantes, como a documentação apresentada por Célia Maria Lins de Melo, a análise documental e bibliográfica de Homero Costa e as fontes orais de Luiz Gonzaga Cortez, é ainda difícil apontar com certeza se Luiz Gonzaga de Souza era, de fato, um soldado da polícia militar, ou se era apenas um “pobre demente”, nas palavras de João Maria Furtado. É certo de que houve um morto no levante, de nome Luiz Gonzaga de Souza, e que por alguma razão procurou refúgio no quartel de polícia militar, sob fogo cerrado, e se encontrava em suas imediações quando foi baleado e morto, supostamente, por Sizenando Filgueira.

Como esse trabalho procurou apresentar, algumas obras já tentaram retirar a cortina que cerca o mistério sobre a condição de soldado ou não de Luiz Gonzaga de Souza, sem sucesso. Esse ensaio, por sua vez, não tem a ambição de esclarecer essa dúvida, pois há várias fontes documentais e orais que apresentam fatos contundentes de ambas as versões sem serem, no entanto, definitivos. O objetivo do trabalho foi apresentar o porquê de existirem tais dúvidas quanto à sua condição de soldado, demonstrando que existe um propósito, sentimento ou interesse, que levou suas fontes primárias à escolha de uma versão particular para retratar o caso.

Luiz Gonzaga de Souza há muito deixou de ser uma dúvida, um caso curioso da história norte-rio-grandense. Ele é, para as classes conservadoras, entre elas o Estado e a Igreja, uma representação que engloba todas as virtudes da resistência aos comunistas, um símbolo em que todos deveriam se espelhar: durante uma adversidade, ele deu a vida pelos ideais em que acreditava, da pátria e dos ideais conservadores.

Mas ao mesmo tempo, para os comunistas e perseguidos no período posterior ao levante, ele é a encarnação do engodo e da falsidade do Estado e da força pública de segurança, que não pouparia esforços para arrolar um herói de última hora, para esconder a vergonha de ter sucumbido em poucas horas, praticamente sem resistência.

Essa monografia teve como objetivo demonstrar como cada grupo, analisadas as principais fontes primárias sobre o caso, lida com a representação de Luiz Gonzaga: como elas se apropriam da representação e a usam para remodelar a compreensão sobre os acontecimentos em questão.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

ARAGÃO, José Campos de. *A intentona comunista de 1935*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

BURNS; LERNER; MEACHAM. *História da Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1996.

CARONE, Edgard. *Revoluções no Brasil contemporâneo (1922 - 1938)*. Ed. Ática: São Paulo, 1989.

CARVALHO, Ferdinando de. *Lembraí-vos de 35!*. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército, 1981.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. Porto Alegre – UFRGS, 2002.

CHÂTELET; DUHAMEL; PISIER-KOUCHNER. *História das Idéias Políticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CORTEZ, Luiz Gonzaga. *A Revolução Comunista de 1935 em Natal*. Natal, 1985.

COSTA, Homero de Oliveira. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia*. Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1995.

FAUSTO, Boris. *História da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, vol. 10.

FERREIRA, Brasília Carlos. *Trabalhadores, sindicatos, cidadania – nordeste em tempos de Vargas*. Natal: Cooperativa Cultural da UFRN, 1997.

FURTADO, João Maria. *Vertentes (memórias)*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1976.

GUINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo – Companhia das Letras, 2001.

MACAULAY, Neill. *A coluna Prestes: revolução no Brasil*. Rio de Janeiro - Difel, 1977.

MAMEDE, Felipe. *Os Comunistas na cidade do Sol e duas histórias pra contar*. Artigo publicado no DHNET.

MCCAAN, Frank D. *Soldados da Pátria: história do exército brasileiro 1889-1937*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão – intentona comunista de 1935 no Rio Grande do Norte*. Brasília: Senado Federal, 1980.

MEDEIROS FILHO, João. *Meu Depoimento*. Natal, 1937.

MELO, Célia Maria Lins de. *Reflexos do Tenentismo no Movimento Armado de 1935*. Monografia apresentada à banca de graduação do curso de história da UFRN. Natal, 2001.

OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. *Praxedes, um operário no poder: A Insurreição Comunista de 1935 vista por dentro*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1985.

PRADO JÚNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1945.

SILVA, Hélio. *1935 – A revolta vermelha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil – De Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SPINELLI, José Antônio. *Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar (1930-35)*. Natal: EDUFRN, 1996.

WAACK, William. *Camaradas: nos arquivos de Moscow – A história secreta da revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FONTES:

Arquivos do jornal “A OFENSIVA”.

Arquivos do jornal “A ORDEM”.

Arquivos do jornal “A REPÚBLICA”.

Jornal “Inconfidência”.

ANEXOS:

- 1- Jornal “A Liberdade”. Pg. 44
- 2- Telegrama de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha. Pg. 45
- 3- Telegrama de Getúlio Vargas Convocando o estado de sítio. Pg. 46.
- 4- Matéria do Jornal “A Ordem” sobre os 10 anos do levante. Pg. 47
- 5- Matéria do Jornal “A Ordem” sobre os 10 anos do levante Pg. 48.
- 6- Matéria do Jornal “A Ofensiva”. Pg. 49.



Primeira Página do Jornal "A Liberdade".

0A35.11.2914
MOD. 103 (ANEX. T 2)

[nov 1935]

TELEGRAMA ≡ **DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS**

PREÂMBULO:

CARRIMBO DA ESTAÇÃO:	RECEBIDO:	INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXAS E ENDEREÇO	Of Urgente. Embaixador
	DE		Oswaldo Aranha
	AS		Palavra
	POR		

O preâmbulo contém as seguintes indicações de serviço: espécie de telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora da apresentação.

(Neste bloco, a primeira dobra.)

TEXTO E ASSINATURA

Palacio Catete Rio 3390 nil 11: 12h30.
 Recebi telegrama e muito agradeço tuas
 expressões e afectuosas pt Tentativa foi
 reprimida com presteza e energia pt
 Todo pais está em calma pt Forças
 armadas coesas em perfeita disciplina
 deram mais uma vez nobre e edificante
 exemplo patriotismo pt Afectuosas
 Saudações
 Getulio Vargas

11a série, informações sobre EXCEL-100/101/102

6

Telegrama de Vargas a Oswaldo Aranha.

98 35.11.25/1

CLASS OF SERVICE DESIRED		CABLE	
TELEGRAM	FULL RATE		
DAY LETTER	DEFERRED		
NIGHT MESSAGE	NIGHT LETTER		
NIGHT LETTER	SHIP PASSENGER		

1206-A

CHECK

ACCT'G INFMN.

TIME FILED

WESTERN UNION

H. B. WHITE NEWCOMB CARLTON J. C. WILLEVER
 PRESIDENT CHAIRMAN OF THE BOARD FIRST VICE-PRESIDENT

Send the following message, subject to the terms on back hereof, which are hereby agreed to Washington, November 26, 1935.

BRASEMB BRASLEC BRASLEG
 MEXICO CITY HAVANA CARACAS

BRAZILIAN CONSULATE GENERAL BRAZILIAN CONSULATE
 NEW YORK CITY CHICAGO, Ill.

BRAZILIAN CONSULATE BRAZILIAN CONSULATE
 PHILADELPHIA, Pa. NORFOLK, Va.

BRAZILIAN CONSULATE BRAZILIAN CONSULATE
 NEW ORLEANS, La. SAN FRANCISCO, California

BRAZILIAN CONSULATE
 MONTREAL, CANADA

Circular 1031 anuncia Congresso grande maioria concedeu estado
 sitio trinta dias territorio brasileiro General Rebello Commandante
 Região encontrou Recife completa paz estando debandada últimos
 revoltosos os quises estão sendo perseguidos stop Governo reune

WESTERN UNION GIFT ORDERS SOLVE THE PERPLEXING QUESTION OF WHAT TO GIVE.

Telegrama de Vargas convocando o estado de sítio.

RECORDANDO OS TENEBROSOS DIAS da intentona comunista neste Estado

O nosso povo jamais esquecerá os horrores da revolução de 1935--A ORDEM inicia uma serie de reportagens sobre aqueles acontecimentos--Um decenio que é uma advertencia aos brasileiros

A CIDADE SOB O CONTROLE DOS REVOLTOSOS

Amanhoe o domingo, 24 de novembro.

A cidade apresenta um aspecto de desolação em ruas desertas, as casas fechadas, o espelho esvoaçado pelas folhas perdidas, vindas do velho Quartel da Polícia, agora já nos seus últimos momentos de resistência.

O povo continua a deixar os seus lares, procurando refugio nas praças, nos mercados, nos bairros afastados. E os bairros sem os mais terríveis, pois trazem os planos tenebrosos a ser executados pelos revoltosos.

Passa-se a manhã confuso, as ruas de volta ao quartel, que, praticamente às 15 horas, cai o telhado. Também pois, com o fim, a última esperança dos habitantes. Mas a 16 em duas permanencia firme.

EM PRÁTICA,
O REGIMEN
COMUNISTA

Assim que se viram livres da defesa dos balcões de 1935, a Polícia, os comunistas põem:

em pratica o seu modo de agir, ou melhor, de uma a outra de que seja o regime vermelho.

Rebeldias, depredações, mortes, assassinatos, prisões, ameaças de fuzilamento, e invasões de propriedades privadas, não eram bem o seu progresso de "governo" ou de demagogia. A população, passivamente, aguarda as acontecimentos, esperando sempre coisas novas. Comem, então, e a parecer, os primeiros boletins da revolução, impressos nas oficinas de A ORDEM, que foi transformada em "Tipografia Libertadora", tendo as comunistas tomado conta de todo o jornal, e de todas as outras "A República".

As instalações deste jornal foram tomadas pelos comunistas, que naturalmente não tinham da coordenação da imprensa católica, de vez que se sempre está aberta às mudanças soltas das mãos burguesas e só do capital burguesista, denunciando-se a repressão política. Em suas oficinas foram compostos e colados, os quais sãem de serem afixados em placards, tiveram profusa distribuição em toda a cidade. A imprensa dos comunistas, bem como a do jornal "Liberdade" (comum leninista), aqui, que atualmente tem em nossa capital um secretário com identico nome e defendendo as mesmas "estratégias" da machorra de 35, se feita na "A República", se passou a ser o órgão oficial da "Junta governativa", denunciando as termos de compromisso a estado em que ficou o jornal católico do Rio Grande do Norte, que teve muitas das suas edições queimadas pelos ocupantes, principalmente a do domingo anterior, onde se lia no Evangelho as aritméticas dos fechos profetas, os quais tiveram, na época da revolução, os seus verdadeiros interpretes...

Mas as depredações dos comunistas não ficaram somente aditórias ao jornal católico. Eles saíram pelas ruas da cidade, na sua maioria, transitando nos automóveis e caminhões roubados, fazendo uma "hipotesis" em regra nos Bancos, casas comerciais, estabelecimentos publicos, ocupando também a Cia. Força e Luz, de onde tiraram milhares de bordas para circular na cidade, ao preço de 100 reis. Naturalmente denunciando que o "seu" governo era de alta popularidade...

E nesta gente, como era natural, aproveitou-se bem da furorosa, carregando a bridade tudo que de fôlego podia transportar, certos de que assim estavam ocupando e que precisava do regime comunista: tudo é de todos.

Conven lembrar que dentro as muitas outras, essas assa-

ladas, estas saíram maiores profetas: M. Martins da Cia. Severino Alves Rêa, Vênia M. Machado, Bol America, Vianna da Cia, Galvão da Cia, Cia. Souza Cruz, M. Alves Afonso, A. Paolista, Casa das Farmacias Barata, Ammassen (Kopachava, não ocupando ao anexo os pequenos kiosques situados nas imediações do mercado publico. Os outros do Barão do Brasil, Banco do Rio Grande do Norte, Delegacia Fiscal, Recobredora da Renda foram crinicamente arrombados a martelão, ficando os documentos, selos e papéis publicos espalhados pelo chão, de mistura com as cinzas e detritos da destruição.

Esquente isto, antes de ter passarem ao interior do quartel do B. C. onde se sucedem, a cada instante, as ameaças de fuzilamento, muitas delas não executadas, graças a intervenção de elementos amigos das comunistas em perigo. Também nos diversos pontos da cidade, e nome as

próximas a distantes, os "democratas" apressavam pessoas pacatas, muitas das quais chegaram a ser fuziladas a sangue, verificando-se um brutal fuzilamento nas ruas destruídas do Tirol.

Certas da vitória, e empolgados pelos seus objetivos na capital, os comunistas desceram ao interior do Estado, chegando mesmo a dominar em certos municípios, principalmente nos de zona agraria. Mas o senarajo estava firme, apoiando-se na evacuação da "Guerra do Dester". Ali sempre o fortalecimento dos heróis do mal.

0-0-0

Nas vésperas, portanto, desolado de sangue, morte e destruição, fazia-se necessário que os brasileiros estivessem atentos à nova investida desses marcos inimigos, pois se eles resolvessem de latão, obstruindo as mesmas portas de 35. Porém ainda agora encerra o "herói" de 1935.

—(Continúa segunda-feira)

A ORDEM

A ORDEM — Sábado, 24 de Novembro de 1950

Novos prefeitos nomeados

O sr. Interventor Federal, por decreto de anti-estereótipo, nomeou os seguintes novos prefeitos:

Para Pedro Velho — major José Vitoriano da Medeiros; Caruarua — tenente Adalberto Rodrigues da Cunha; S. Miguel — tenente João Cândido; Brígido, Floriano — sr. Paulo Furtado Sobrinho; Luli Geron, sr. Manoel Nogueira, Arca Pontalaga.

Bonito — José Leoncio de Santana; Padre Miguelinho — sr. Antonio Felix de Santana; Vitor — sr. José Antonio de Lima; e Augusto Severo — professor João de Deus Basso.

Por fim de ordem, de a. d. d. foram nomeados os srs. dr. José Moura Menezes para prefeito de Apodi, e Francisco Cabral de Macedo para o de Dester.

Porque a L.E.C. não consultou o P.C.B. sobre as reivindicações religiosas

RIO, 23 — Entrevistado pelo "O Globo", o sr. Alceu Amorim, de Lima explicou por que não ficou consultado o Partido Comunista, com estas palavras:

— A L. E. C. não se opõe a liberdade, dentro da lei, do Partido Comunista. Considera essa atitude contraria ao espírito da verdadeira democracia. E é por esse principio

EVANGELHO DE DOMINGO

Vigésimo quarto depois de Pentecostes (Math. 24, 15-35)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Quando virdes no lugar santo os horrores da destruição, pedida pelo profeta Daniel — avorda e lita o telor — então se que estiverem na Judea fujam para os montes, e quem se achar no campo não volte para buscar o vestido. Ai das mulheres que nesse dia estiverem grávidas, ou com filhos no peito! Fugam, pois, que a vossa fuga não seja em tempo de inverno, nem em dia de abafado; porque a tribulação será tão grande que não terá havido igual desde o principio do mundo, e nem haverá outra semelhante. E, si não se absteriverem aqueles dias, ninguém se salvará, mas serão abreviados em atempio aos escolhidos. Então, si alguém vos disser: "Aqui está o Cristo" ou "Alli está ele!" não saídes a receber, porque, surgirão falsos cristos e falsos profetas, que farão grandes prodigios e sinais espantosos, e muitos seduziram os próprios escolhidos, se possível fosse. Então, se vos disserem: "Eis o Filho do Homem no deserto!" não saídes. E, si vos disserem: "Eis aqui!" não lhes deis crédito. Pois, assim como o vulcão parte do interior, e bulha até o oculto, assim ha de ser também a vinda do Filho do homem. Onde quer que houver guerra, ali se ajustará ao saque. E logo depois da salvação daqueles dias, ocorrerá o sol, e a lua dará a sua claridade, e as estrelas cairão do céu, e as nuvens do céu serão abafadas. Então abaterá o céu o filho do homem; e todos os povos da terra se lamentarão entre lágrimas, e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com grande poder e glória. E enviará os seus anjos ao norte da tribulação a ser em Jerusalém, e abaterá os seus escolhidos dos quatro cantos do mundo, desde a extremidade da terra até a outra. Depois de todo isto por uma temporada, tornará a aparecer, quando os seus raios começarem a ficar ternos, e abaterão as folhas, abatai que até a terra e verão, o mesmo homem, quando vierdes novamente a ver o filho do homem) será a porta. Em verdade, vos digo que não passará esta geração sem que se cumpram todas estas coisas. O céu e a terra passarão, mas não há de passar a minha palavra.

Grandes festividades no Colegio Sta. Agueda, de Ceará-Mirim

Com grande entusiasmo, tendo como se iniciado, está realizando-se no patio interno do colegio Santa Agueda, da vizinha cidade de Ceará-Mirim, as festividades, cujo encerramento será amanhã, tendo precedido a abertura do colégio daquela municipalidade.

Para se fazer homenagem, A ORDEM recebeu a honraria de ser o jornal da Direção daquele colégio.

As oficinas de A ORDEM confeccionam chapas para as proximas eleições

Maxima brevidade na entrega Ruc dr. Barata, 216 — Fone 1249

Quarto aniversari, amanhã, da Rádio Educadora de Natal

A data de amanhã, aniversário de 4.º aniversário do funcionamento da Rádio Educadora de Natal, animadamente por terorente à cadeia das Rádio e Diário Associados.

Porque a L.E.C. não consultou o P.C.B. sobre as reivindicações religiosas

te, como sabe, pela primeira vez, pelo principio da lei natural e da lei da sociedade, que ela se bate. Novos, de, cristãos, uma discordância essencial entre os valores doutrinários da concepção comunista de sociedade e os valores cristãos, não só feita a consulta ao Partido, por ser desnecessário. Seu pensamento,

SOCIAIS

- ### ANIVERSARIOS
- SENHORAS — Beltra Fomosa, L'Estreite, esposa do sr. Augusto L'Estreite.
 - SENHORES — Nevilka Vasconcelos, esposa do sr. Durval Furtado, comerciante nesta capital.
 - SENHORIZAS — Lindalva Ferreira, professora do Grupo Escolar João Tiburcio e Inspectora de Educação do Departamento de Educação.
 - SENHORES — Adria Chacón, scholástico da Faculdade de Farmacia e Odontologia de Fortaleza — Ceará.
 - Abelardo Barros, funcionario da Fazenda Nacional.
 - Bartolomeu Paquides, escrivão aposentado do Tercerio Central Judiciário desta capital.
 - SENHORIZAS — Lindalva Ferreira, professora do Grupo Escolar João Tiburcio e Inspectora de Educação do Departamento de Educação.
 - Invalda Lopes, filha do sr. Genesio Lopes, oficial reformado da Força Policial.
 - Irma, Pereira da Silva, filha do falecido Augusto Pereira.
 - Maria da Glória Casali, filha do sr. Jorge Elcio Cavalcanti, proprietário nesta capital.
 - Maria Maria, filha do dr. Cláudio Travenca Serinho, ex-graduado clinico nesta capital, e filha do Gineal Inacrida Cordeiro.
 - Newton Cathar, filho do sr. Jorge Cathar.
 - Clécia de Paiva, filha do sr. José Ribeiro de Paiva.

- ### FALECIMENTOS
- Confortada com os filhos e parentes do lugar, faleceu nesta cidade, nesta capital, a sra. Maria Soares de Paiva, filha do sr. Francisco Elton Pereira de Paiva e d. Claudina Pólvora de Paiva, nascida em São José do Bonfim, município do Rio de Janeiro, em 1870.
 - José Pedro, filho do sr. João Pedro, falecido em 1948, residente nesta capital, Príncipe de Paiva, e d. Alcega de Paiva.
 - Maria da Glória Casali, filha do sr. Jorge Elcio Cavalcanti, proprietário nesta capital.
 - Maria Maria, filha do dr. Cláudio Travenca Serinho, ex-graduado clinico nesta capital, e filha do Gineal Inacrida Cordeiro.
 - Newton Cathar, filho do sr. Jorge Cathar.
 - Clécia de Paiva, filha do sr. José Ribeiro de Paiva.
- ### MISSAS
- Na procissão da 36.ª e 37.ª de outubro, a sra. Maria Soares de Paiva, residente nesta capital, Príncipe de Paiva, e d. Alcega de Paiva.
 - Maria da Glória Casali, filha do sr. Jorge Elcio Cavalcanti, proprietário nesta capital.
 - Maria Maria, filha do dr. Cláudio Travenca Serinho, ex-graduado clinico nesta capital, e filha do Gineal Inacrida Cordeiro.
 - Newton Cathar, filho do sr. Jorge Cathar.
 - Clécia de Paiva, filha do sr. José Ribeiro de Paiva.

LEITURA PARA A LOMBADA MUTILADO

Matéria do jornal "A Ordem", sobre 10 anos do levante.

RECORDANDO OS TENEBROSOS DIAS da intentona comunista neste Estado

O nosso povo jamais esquecerá os horrores da revolução de 1935—A ORDEM inicia uma serie de reportagens sobre aqueles acontecimentos—Um decenio que é uma advertencia aos brasileiros

A RESISTENCIA DOS BRAVOS DA FORÇA POLICIAL

Noite de sábado, 23 de novembro de 1935.

A cidade pacata do Natal via tranquilamente, somente agitada pelas atividades politicas da época.

Grande parte da população se achava no velho teatro "Carlos Gomes", assistindo à solenidade de diplomação de uma turma de estudantes do Colégio Marista. Lá se encontravam as mais altas autoridades do Estado, famílias, estudantes e grande numero de pessoas gradas, todos aguardando o início da festividade sem a menor preocupação de lhes perturbar o espírito.

Em silêncio quando, precisamente às 19:26 horas, diversos aparatos começaram a ser arrojados, partindo de diversas pontos da cidade. Era a realidade da revolução comunista que instalava, precedendo no país, pela Aliança Nacional Libertadora.

Cada qual que procurava um refugio, todas se empilhando em lotes dos seus lares. Polas ruas já desérticas, via-se os primeiros grupos de revoltosos, armados até os dentes, na missão brutal de arremeter, prendendo, agul e ali, pessoas dignas do maior respeito.

No quartel do 21.º B. C. a desordem era um fato. Destituídas as autoridades militares, os oficiais e praças que não aderiram à rebelião, foram trancados no andar, enquanto os "revolucionarios" de comun acordo com diva, partiam todo em alvoroço, apoderando-se de armas, ferramentas e toda a espécie que lhes servisse para suas mirabolantes intuições. E de lá saíram, espalhando pela cidade o terror e a anarquia.

A população, ante as revoluções terroristas que se multiplicavam velozmente, abandonava os lares, à procura de abrigos seguros, fugindo sem a presença dos insurretos, que das salas perdidas que cercavam os lares. A situação era de insegurança e ninguém acreditava mais numa repentina cessar de fazer valer a normalidade.

Mas um baluarte de defesa se fazia sentir pelas concentrações da Força Policial do Estado, que escrevia uma notável página da história militar do Rio Grande do Norte.

Defendendo o prédio principal, a velha centralizada parada, manobrada com destreza por bravo oficial, era como que uma voz rouca a velar as demoras dos atacantes. A fanfaria intencional e a melodia que a noite avançava. O apogeu das bombas somente é abalado pelo maltratar tenaz do "pesado" que por mais de dez minutos mantinha a distância as hostes rebeldes.

No momento de resistência, quando mais acossos se tornava, tanto, tanto vindo de baixo um dos bravos mantidos de membros da Força Policial, — o tenente LUIZ GONZAGA DE SOUZA. E ao sentir-se ferido, pôe, instintivamente, a mão sobre a ferida, amparando-se depois contra as janelas, em cuja pintura fica gravada a mão de senão do herói defensor da nacionalidade, morto no cumprimento sagrado do dever, em defesa dos princípios cristãos do nosso povo.

E aqui que se apresenta o destino anônimo do herói da intentona comunista, é preciso que os brasileiros tenham bem nítida na lembrança o seu critério final desse bravo filho do Rio Grande do Norte cujo mão de sangue nos ensina o quanto devemos permanecer alertas contra um novo ataque dos inimigos de Deus e de Brasil. O coronelíssimo proco, novamente, possuído por uma exultante euforia destrapa. Não podemos ficar indiferentes.

(Assim, II Capitão)

CORRERIAS, CORRUPÇÃO, ANQUIETA E MEDO

No momento em que se achavam no teatro, em toda a cidade ficou estremecida. A multidão que o teatro se espalhava pelas ruas tranquilas da histórica cidade dos Reis Meigos, acambravam, em proporção a segurança, a incerteza, a ansiedade e o medo, no seio da população ardente e pacata.

A nota do dia

Nada de jogos

E' sem o mais justificado prazer que assistimos, entre nós e em todo o país, torçamos os governos severos e decididos providências contra a legítima.

Apropria Loteria Federal não joguem uma exceção contra pelo Natal, de vários bilhões de cruzados.

Também os cassinos estão sofrendo restrições. Deixa lançado que devem ser fechados os hotéis.

Os jornais noticiam que o sr. Ministro da Fazenda acaba de negar permissão para o funcionamento de um cassino flutuante no rio Capibaribe, no Recife.

Enquanto, Deus louvado em tempos difíceis. Onde os casinos sofrem restrições. Onde o jogo é posto no seu devido lugar — fere de lei.

As economias populares poderão se arrastar novamente, para garantia das famílias, sempre preocupadas com o dia de amanhã, quando o seu chefe se deixava perder pelo jogo verde, pela baralho, pelo incrível "handball" pelo bilbo.

Audências o governo não se esqueça moralizadora. Movimentos ao homem do povo que o jogo é uma indignidade.

A RESISTENCIA DOS BRAVOS

Pouco a pouco a dilatação do entusiasmo do cidadão pela cidade, para se acenar, de maneira violenta, nas instituições do velho quartel da Força Policial, que desde o começo da revolta ficou situado por grande numero de tropas, superiores muitas vezes, em armas e gente, ao pelotão de bravos que, entretidos nos seus velhos paredes do quartel, procuravam escovar a intenção, infelizmente, não o pediram fazer. A superioridade dos inimigos era enorme.

Localidade rumo não de sucesso, sem meios estratégicos de defesa, era impossível uma maior resistência daquele reducto de bravos. Sob o comando do então major Luiz João, e com a colaboração de capitães do 21.º B. C., coronel Pires Soares, queriam e poucos homens que ali se achavam, no momento do ataque, deram uma firme demonstração de coragem, bravura e heroísmo, selando em responder, com escasso tira de fumaça, as pesadas rajadas de metralhadoras dos assaltantes, que também utilizavam bombas e granadas de mão. Todas, dentro do quartel, desdobravam-se em sucessos, tendo como unico escape a derrota dos comunistas ambiciosos e perturbadores da ordem e da lei.

Homenageado pela Ação Catolica de Natal D. José de Medeiros Leite

S. Excia. Revma. foi saudado pelo Padre Nivaldo Monte, tendo agradecido com brilhantes palavras

Aproveitando a curta permanência entre nós do venerando e reverendo Dom José de Medeiros Leite, Bispo da Diocese de Oliveira, em Minas Gerais, em diversas cidades da Ação Católica da Ação Católica de Natal, em prestar aquela proveitosa homenagem ao Ilustre prelado, que, acompanhado do seu irmão, mon. Leão Medeiros, achava-se em visita ao nosso Estado, de onde é filial.

A homenagem teve lugar na sala principal do Palácio Episcopal, onde D. José de Medeiros Leite foi hospedado de certo. Dom Manoel Duarte, bispo diocesano, achando-se presente os reverendos padres José Pereira Neto, Nivaldo Monte, Neves Gurgel e Eugenio Sales, respectivamente Analista, Administrador dos Honores da Ação Católica, Juvenote, Procurador Católico, Juvenote, Eucaristia, Católica do distrito Nossa Senhora das Neves e da Juventude Católica Rioabril, além do reverendo mon. Leão Medeiros, irmão de Nivaldo Monte, de Colégio Marista, e Presidentes do

ANTONIO SOARES FILHO
GOVERNADOR
Rua Humboldt 711 — Fone 1700

BEL CUSTODIO TOSCANO
ADVOCACIA EM GERAL
Legislação e Aferimento de TERRENOS DE MARINHA
AVANÇAS E SEGUROS — Terrenos e Marítimos
Escritório — Avenida Duque de Caxias n.º 106 a 120 — "Edifício BELA" — Sala n.º 101 — 1.º Andar
Residência Av. Campos Sales n.º 708 — Fone, 3418

Em visita a pensar de sua família, mais, hoje, está a cidade de Natal onde já foi

D. JOSÉ LEITE VIAJOU, HOJE, PARA ACARI

Realizou-se, na noite de sábado, 23 de novembro, no salão principal do Palácio Episcopal, onde D. José de Medeiros Leite foi hospedado de certo. Dom Manoel Duarte, bispo diocesano, achando-se presente os reverendos padres José Pereira Neto, Nivaldo Monte, Neves Gurgel e Eugenio Sales, respectivamente Analista, Administrador dos Honores da Ação Católica, Juvenote, Procurador Católico, Juvenote, Eucaristia, Católica do distrito Nossa Senhora das Neves e da Juventude Católica Rioabril, além do reverendo mon. Leão Medeiros, irmão de Nivaldo Monte, de Colégio Marista, e Presidentes do

As oficinas de A ORDEM confeccionam chapas para as proximas eleições. Maxima brevidade na entrega. Rua dr. Barata, 218 — Fone 1249

A ORDEM

NATAL — Sexta-feira, 24 de Novembro de 1945

Feita de formatura das alunas do Ginasio N. S. das Neves

No proximo dia 5 de dezembro, vai realizar-se a solenidade da formatura das alunas que sobem de concluir os cursos ginasial e de escholares de ensino do Ginasio Nossa Senhora das Neves.

Nesse dia haverá missas em ação de graças, às 7 horas, no templo de São Pedro, realizadas pela sociedade de diplomação de 1945, no salão parquial da Alameda. Celebrará o santo sacrificio e ento-

Passa por Natal o Gen. François Bastier de La Vigerie

De artilheiro, chegou ontem a Natal, o General François Bastier de La Vigerie, embaixador da França no Brasil e que desde algum tempo se encontrava na Europa, a serviço de suas funções.

Após seu desembarque no aeroporto de Litoral, compareceu a cerimônia de abertura das comemorações da Capital por 400 pessoas.

Resistiram à prisão

TORNO, 23 (4) — No momento de se procederem as buscas da guerra geral Siles Arde Yash, que se achava no estado do Daplo, sobrevieram manifestações que foram obrigadas à prisão do Siles.

SOCIAIS

- #### ANIVERSARIOS
- SEMPERAN
- Maria Olga Barreto, esposa de dr. Manoel Augusto Barreto de Medeiros, aniversário, noite capital.
 - Hilke Freire Aguiar, esposa do dr. Bráulio de Araújo, aniversário, noite capital.
 - Gláucia Freire de Sá, aniversário, noite capital.
 - Nelson Roberto de Carvalho, aniversário, noite capital.
- #### SEMPERAN
- Dr. Arnaldo Bráulio de Araújo, aniversário, noite capital.
 - Gláucia Freire de Sá, aniversário, noite capital.
 - Nelson Roberto de Carvalho, aniversário, noite capital.
- #### JUVENS
- Miguel Augusto Barreto, aniversário, noite capital.
 - Silvio Cascaes de Sá, aniversário, noite capital.
- #### VILLANTES
- De sua viagem ao sul do país, regressou, ontem, pelo avião de Cruzeta do sul, o sr. Agostinho Severo Neto, aniversário, noite capital.
- #### BATRADOS
- Realizou-se, na noite de sábado, 23 de novembro, no salão principal do Palácio Episcopal, onde D. José de Medeiros Leite foi hospedado de certo. Dom Manoel Duarte, bispo diocesano, achando-se presente os reverendos padres José Pereira Neto, Nivaldo Monte, Neves Gurgel e Eugenio Sales, respectivamente Analista, Administrador dos Honores da Ação Católica, Juvenote, Procurador Católico, Juvenote, Eucaristia, Católica do distrito Nossa Senhora das Neves e da Juventude Católica Rioabril, além do reverendo mon. Leão Medeiros, irmão de Nivaldo Monte, de Colégio Marista, e Presidentes do

Cinemas

SETE DIAS PARA AMAR — "São Pedro"

História dos tripulantes de navio capturado em dia de guerra.

Batalhões e atitudes incoerentes.

PARA ADULTOS DE CERVEJA FORMADO.

LEITURA PSC LOMBARDO NUTILADO

...que concorrem com...
...estabelecidos ao carnav...

**TOS NA PRE-
TURTA**

...se as seguintes fo...

**DE LIMPEZA PU-
BICULAR: — Efe-
dos.**

— Pessoal operaria

Central — Sís-
Compendo.

**DE TURISMO NA
DETECTIVAS e con-**

**DO ABASTECE-
tivos e contrab-
o Extincto Depar-
tal.**

**DE LIMPEZA PU-
BICULAR — FORTA-
Novembro e De-**

**balanço do
sileiro**

...ião communi-
Lloyd Brasileiro
designada pelo
tra o exame do
panhia, volta
embo de suas
avam interroga-
de dezembro ul-

**A BALXADA
NSI:**

Viação foi de-
no sr. Otlio
da Commissão
para empenhar
dena de pag-
mencia de 250
de desposas
incumimento da
no corrente

**EM O MINIS-
TACAO**

...conferencia-
Viação de sta-
pes, e geral
deputados
Alvarenga.

...sido vendidas, exportadas em mi-
nuta. Aparentando em con-
junto esses recursos encontraramos
anualmente, cinco shillings
por sacca sobre a exportação mí-
nima de 14.000.000; igual a

**ministro da Fazenda e autor do
schema cujo rigorosa obser-
vancia teria evitado uma
dívida desnecessaria**

...aproveitamentos em operacões
na Frente da Soudia e um fim
"ozes" do periodismo mun-
dial.

O sr. Ricci encará, pois, a

**"Molice", o pequeno vendedor de côcos; XX L
Ricci, correspondente de guerra da A OFFENSIV**

...re dessa corresponden-
das — repellido —
divisões para A OFFEN-
sivos, hoje, a nos-
e oportunidade
com seus detalhes,
dos, tudo quanto
"front" commu-
servi Rodolfo
Eisner correto

**GORABEL, 14
1934 — (Por via
fotografamos o sr.
no mais abso-
luto, cacho
no de varias ha-
bricas. Um
chegado na v-
previsto um
exotica de
maravilhoso**

...pouco com
responder
curioso
tambem
da tela
seu má-
8500
não t-
esper-
pou-
The
que
ou
fir

...Aprovate
pouco com
responder
curioso
tambem
da tela
seu má-
8500
não t-
esper-
pou-
The
que
ou
fir

**Um Juiz Communista
no Rio Grande do Norte**

**CRIMINOSA A TOLERANCIA DO GOVERNO LOCAL PARA COM ASSALARIADOS DE MOSCOU
A FAMILIA POTYGUAR ESPERA COM ANSIEDADE A ACÇÃO SANEADORA E ENERGICA DO GENERAL
NEWTON CAVALCANTI, NOVO COMMANDANTE DA 7.ª REGIÃO MILITAR**

É estranhavel e até criminosa a
tolerancia das autoridades esta-
duas do Rio Grande do Norte no
que concerne a punição dos com-
munistas, que, não há muito, en-
chucaram de sangue o solo da
aquelle pedaga do nordeste bras-
leiro.

O Rio Grande do Norte foi o Es-
tado onde o surto communista teve
a maior violencia levando a inteli-
gência aos lares a pilbarem e o sa-
que nos estabelecimentos commer-
ciaes e provocando até a queda
transitoria do governo do Estado.

Por isso, não obstante tudo isso,
o juiz de direito de Baixa Verde,
João Maria Furtado, que foi o pre-
parador da "mastera" no local de
sua jurisdicção e que se encontrava
preso, em consequencia desse acto
criminoso, acaba de conseguir a li-
berdade, mediante uma petição de
"habeas-corpus", impetrada em seu
favor, na Corte de Justiça daquele
Estado.

Ocorre ainda outro facto de
alta gravidade: Nisra, Gurgel, den-
tista, domiciliado em Natal e per-
tencente agitado, tomou parte saliente
no levante extremista. Acontece,
porém, que Nisra não se foi preso
após terem decorrido muitas as
julgacões do movimento que pro-
tendia implantar o regime "dicta-
to em Natal.

Este facto espantoso do desem-
pello da policia potyguar só pôde
ser explicado assim: — Nisra
é parente muito proximo do Sr.
segretario Geral do Estado, sr. Alda

Fernandes e primo do governador,
e por isso, embora preso, vem go-
zando de regalias que um réus per-
turbador da ordem não pode de
modo algum auferir.

Taes factos hepem contra as
autoridades do Estado nordestino,
que, com tão aborridas tolerancias,
concorre para o descrédito do regi-
men e desoam da regressão systema-
tica que ao bolchevismo vêm
movendo, com energia e efficien-
cia, as autoridades do governo cen-
tral.

Felizmente, porém, por pouco
tempo mais perdurará semelhan-
tes escandalos, pois o general New-
ton Cavalcanti, cujo patriotismo e
firmeza de caracter honram o nos-
so Exército, irá assumir em breves
dias o commando do Terceiro Mili-
tar e porá termo a vergonheira
taes, espurgando o nordeste do
cancro moscovita, saneando a alim-
naralmente boa do bravo home-
do nordeste.

**Ecos dos aconte-
Enquanto o governo
certas situações est-
agen**

THEREZINA, 29 (E
ze presos communistas,
OS COMMUNISTAS
FORTALEZA, 29 (E
no quartel do 23.º B. C.,
Policia, onde foram fies
Os implicados, no
cos, e pricas do Exer



**O estado em que ficou o cofre do Banco de Natal,
depois do assalto dos communistas potyguares**

Matéria do Jornal "A Offensiva", acusando o juiz João Maria Furtado de seguir orientação comunista.